

COLEÇÃO
PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO
[MEMÓRIAS BRASILEIRAS - BIOGRAFIAS]



GIOVANA XAVIER (ORG.)

A GENTE SÓ SABE O FINAL QUANDO SE ENCERRA

NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER
HISTÓRIAS DO BRASIL REPUBLICANO



Universidade Federal Fluminense

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense

GESTÃO 2018-2020

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marco Otávio Bezerra

Ronaldo Gismondi

Silvia Patuzzi

Vágner Camilo Alves

A GENTE SÓ SABE O FINAL
QUANDO SE ENCERRA

Copyright © 2021 Giovana Xavier (org.)

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Editor responsável: Renato Franco

Coordenador de produção: Ricardo Borges

Copidesque e revisão: Eduff

Normalização: Camilla Almeida

Projeto gráfico: Marcio Oliveira

Capa e diagramação: Natália Brunnet

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO - CIP

G337 “A gente só sabe o final quando se encerra”: novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil Republicano [livro eletrônico] / Organização de Giovana Xavier – Niterói : Eduff, 2021. – 13,5 Mb ; PDF. – (Coleção Personagens do pós-abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 7)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5831-007-5

BISAC EDU029040 EDUCATION / Teaching Methods & Materials / Social Science

1. Brasil – Pós-abolição. 2. Currículo – História – Avaliação. 3. Ensino – História. I. Xavier, Giovana. II. Título. III. Série.

CDD 375.006

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR MÁRCIA CRISTINA DOS SANTOS (CRB7-4700)

Direitos desta edição reservados à

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ

CEP 24220-008 - Brasil

Tel.: +55 21 2629-5287

www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Impresso no Brasil, 2021.

Foi feito o depósito legal.

COLEÇÃO
PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO

MEMÓRIAS BRASILEIRAS – BIOGRAFIAS

GIOVANA XAVIER (ORG.)

A GENTE SÓ SABE O FINAL QUANDO SE ENCERRA

NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER
HISTÓRIAS DO BRASIL REPUBLICANO



AGRADECIMENTO

Existe um provérbio iorubá que diz: “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Com este espírito, em nome do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ, agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro por sediar este importante projeto de ensino, pesquisa e extensão. Agradeço também à acolhedora e criativa comunidade da Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, representada pela então coordenadora pedagógica Claudielle Pavão, pelo presente diretor Luiz Menezes Brito, assim como por professores, inspetores, merendeiras e centenas de crianças e famílias que cotidianamente significam a escola como um território de amor, confiança e liberdade. A oportunidade de formar novas gerações acadêmicas da UFRJ nesta instituição, que aprendemos a amar, é fonte de aprendizagem e crescimento pessoal constantes, reforçando nosso compromisso com a produção de conhecimentos científicos pautados em diálogos horizontais entre escola e

universidade públicas. Vidas negras importam e, nos últimos cinco anos, algumas delas mostraram-se fundamentais para o sucesso do Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição. Assim, além das autoras e dos autores que assinam textos na presente coletânea, a energia da gratidão expande-se para alcançar a dedicada designer gráfica Maria Julia Ferreira, @s sensíveis e competentes fotógrafos Amanda Vitor Néri e Jéferson Vasconcelos e @s estudantes universitários, bolsistas PET e de Iniciação Científica, participantes comprometidos do projeto em diferentes momentos: Camille de Sousa Fernandes Tantow, Carolina Aguiar, Carlos Vasconcellos, Gabriela Alves Costa, Paula Farias, Victor Paiva, Vitor Matheus da Silva Domingues, Niuani Mendes Pereira, Paloma da Silva Nepomuceno. Obrigada a todes e à nossa ancestralidade pela chance de criarmos uma aldeia e, através dela, plantar, colher e partilhar a ciência negra no universo.

Axé!

PROFA. DRA. GIOVANA XAVIER

Coordenadora do Programa de Educação
Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – PERSONAGENS NEGROS NO ENSINO
DE HISTÓRIA DO BRASIL REPÚBLICA | 13

MARTHA ABREU

CAPÍTULO 1: INTELECTUAIS NEGR@s DO PÓS-ABOLIÇÃO:
ATIVISMO CIENTÍFICO E CURADORIA NO ENSINO DE HISTÓRIA | 17

GIOVANA XAVIER

CAPÍTULO 2: “VOU APRENDER A LER PRA ENSINAR MEUS
CAMARADA”: II CURSO DE FORMAÇÃO – HISTORIOGRAFIA
DO PÓS-ABOLIÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E REEDUCAÇÃO
DAS RELAÇÕES RACIAIS | 49

PÂMELA CARVALHO

CAPÍTULO 3: ENTRE MUITAS MARIAS: A EXPERIÊNCIA
DA OFICINA MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO | 65

WICKSON RIBEIRO

CAPÍTULO 4: EDUARDO DAS NEVES, KEVIN O CHRIS
E A MÚSICA COMO PRODUÇÃO CRIATIVA DE NOVAS NARRATIVAS | 79

NAYARA CRISTINA DOS SANTOS

CAPÍTULO 5: #FUNKÉCLÁSSICO: SILVA, VOCÊ E EU:
TRAJETÓRIA QUE ENTRELAÇA O POPULAR E O ERUDITO | 95

VERÔNICA SANTOS

CAPÍTULO 6: #SEM FILTRO: O OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA
DA OFICINA JULIANO MOREIRA | 107

STÉPHANE MARÇAL SABINO

CAPÍTULO 7: O QUE HÁ POR TRÁS DO RETRATO?
AUTOIMAGEM E REPRESENTATIVIDADE NA SALA DE AULA | 125

RICARDO LAGE DE OLIVEIRA

CAPÍTULO 8: INTELECTUAIS NEGRAS HISTORICAMENTE
SUBALTERNIZADAS E SUAS LEGITIMAÇÕES NO MEIO
INTELECTUAL ACADÊMICO | 143

MARLON GAMA

CAPÍTULO 9: TERRITÓRIOS CONFLAGRADOS E ESCOLAS PÚBLICAS:
REFLEXÕES E ASPIRAÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA
TRANSGRESSORA | 151

CLAUDIELLE PAVÃO

A COLEÇÃO PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO

Este livro faz parte de uma coleção, sendo fruto de um projeto coletivo: “Personagens do pós-Abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano”, contemplado com o Edital nº 13/2015 da CAPES - “Memórias Brasileiras: Biografias”. Os sete volumes da coleção são acompanhados por um site que disponibiliza diversos materiais - oficinas, vídeos, planos de aula, banco de imagem, em torno de personagens negros biografados (<http://personagensdoposabolicao.uff.br/>).

Apesar de grandes contribuições para a história republicana do Brasil, esses personagens tiveram suas vidas silenciadas, esquecidas ou não reconhecidas. Foram homens e mulheres marcados pela condição racial e de gênero que levantaram bandeiras antirracistas e atuaram na transformação das possibilidades de exercício da cidadania da população negra no Brasil.

As biografias publicadas também trazem uma contribuição importante para o público em geral, para futuros professores e para os alunos da Educação Básica, pois nos permitem conhecer melhor a História do pós-abolição e do racismo no Brasil e, em volume especial, entrar em contato com novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil republicano. Eis os livros da coleção:

Monteiro Lopes e Eduardo das Neves:
histórias não contadas da Primeira República (v. 1)

Carolina Viana Dantas e Martha Abreu

Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira:
história de mulheres negras no pós-abolição do sul do Brasil (v. 2)

Fernanda Oliveira

Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira (v. 3)

Ynaê Lopes dos Santos

Paulo Silva: um contraponto nas relações raciais no Brasil (v. 4)

Amilcar Araújo Pereira

Maria de Lourdes Vale Nascimento:
uma intelectual negra do pós-abolição (v. 5)

Giovana Xavier

João Cândido: o mestre sala dos mares (v. 6)

Álvaro Pereira do Nascimento

A gente só sabe o final quando encerra:
novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil republicano (v. 7)

Giovana Xavier (org.)

APRESENTAÇÃO

PERSONAGENS NEGROS NO ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL REPÚBLICA



Martha Abreu, professora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense acompanhando o Projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, Rio de Janeiro, 2019. Fotógrafo: Jéferson Vasconcelos.

Por que alunos do ensino básico não podem ter acesso ao que de mais recente e atualizado é produzido pelas universidades e por renomados pesquisadores? Com esse desafio, a equipe do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ, liderada por Giovana Xavier, organizou diversas oficinas sobre personagens importantes da história do pós-abolição.

Eduardo das Neves, João Cândido, Juliano Moreira, Paulo Silva e Maria de Lourdes Vale Nascimento tiveram suas histórias contadas em uma instituição da rede pública do Rio de Janeiro, a Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, localizada em Costa Barros, um dos bairros mais carentes e vulneráveis da cidade, devido à ausência do poder público no que tange à garantia de direitos humanos básicos. A parceria de Giovana Xavier, por meio do grupo Intelectuais Negras UFRJ, com a direção da escola, representada pela também historiadora Claudielle Pavão, que se tornou coordenadora pedagógica do colégio, já é antiga.

Dialogando com os conteúdos regulares dos currículos, nossos biografados servem de motivo e guia para a inclusão de homens e mulheres negros nas narrativas sobre a história do Brasil – escrita e ensinada. Defendemos que o melhor caminho não é criar um conteúdo complementar e separado da História oficial, mas preencher a história do país com os inúmeros registros da participação e do protagonismo de sujeitos como nossos biografados, em qualquer conjuntura ou evento.

Por outro lado, sabemos o quanto a ausência e o silenciamento desse protagonismo prejudicam a percepção dos alunos – negros e brancos – sobre a história do Brasil, sobretudo após a abolição da escravidão. Em geral, todos fomos acostumados com imagens e representações da população negra restritas às marcas

da pobreza, passividade e marginalidade, configurando o que a escritora nigeriana Chimamanda Adiche denominou “perigo da história única”. A saber, a negação a certos grupos sociais do direito de serem reconhecidos como sujeitos, autores de suas próprias versões históricas. Sem dúvida, pobreza e marginalidade fizeram parte da história da população negra, mas isso está longe de ser tudo.

Pergunto-me: como foi possível, até pouco tempo, historiadores e professores de História omitirem em seus textos a força das famílias negras e de seu movimento associativista, seja no campo cultural, festivo ou trabalhista? Como não perceberam as estratégias de participação política e as possibilidades de desenvolvimento da autoestima, mesmo em difíceis condições de vida e de enfrentamento do racismo cotidiano?

O projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição e suas oficinas não só nos permitem aproximar jovens alunos desses conteúdos, como acompanhar suas transformações, ao depararem e projetarem-se em personagens negros, pessoas do passado próximas a eles na experiência e no perfil social/racial. Também jovens professores, negros e brancos, que atuam como estagiários nessas oficinas encontram possibilidades de transformação.

As biografias e trajetórias de nossos personagens fazem toda a diferença na renovação das metodologias do ensino de História, pouco acostumadas com a subjetividade dos sujeitos

históricos. Elas permitem a prática da descolonização do pensamento, já que deslocam as cores e os lugares de fala da história do Brasil, além de valorizarem as lutas contra o racismo em diferentes contextos e tempos históricos, no passado e no presente. De fato, as oficinas com nossos biografados constituem uma grande oportunidade para fortalecer a importantíssima Lei nº 10.639/03, visibilizando as narrativas de nossa história e o próprio ensino de História numa perspectiva antirracista.

CAPÍTULO I

INTELECTUAIS NEGR@s DO PÓS-ABOLIÇÃO: ATIVISMO CIENTÍFICO E CURADORIA NO ENSINO DE HISTÓRIA



Giovana Xavier, professora da Faculdade de Educação da UFRJ, coordenadora do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ e do projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição, realizado no âmbito do projeto Personagens do Pós-Abolição. Fotógrafo: Jéferson Vasconcelos.

Em 2015, tomei conhecimento do Edital Memórias Brasileiras: Biografias da Capes. Atraída pelo objetivo apresentado – “promover e fomentar a realização de pesquisas científicas que resultem em biografias (individuais ou coletivas) e/ou trajetórias de vida de pessoas ou grupos significativos para a compreensão da história do Brasil republicano” –, convidei quatro colegas, professores universitários de História para construirmos uma candidatura. Martha Abreu (UFF), de pronto, atendeu ao chamado, aceitando ser a coordenadora da proposta. Álvaro Pereira do Nascimento (UFRRJ), Amílcar Pereira (UFRJ) e Ynaê Lopes dos Santos (à época, CPDOC-FGV) também responderam com entusiasmo sim ao convite. Cumprida a maratona de reuniões, redação de textos, resolução de burocracias, nascia o “Personagens do Pós-Abolição”. Um projeto inovador que objetivava inicialmente biografar as histórias de Eduardo das Neves, João Cândido, Juliano Moreira, Maria de Lourdes Vale Nascimento e Paulo Silva. Mais adiante, com a entrada de Fernanda Oliveira (Ufpel) como bolsista de pós-doutorado do projeto, Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira também entraram na ilustre lista de biografadas.

Com trajetos distintos conectados por duas experiências compartilhadas: a negritude e o silenciamento das suas histórias, essas sete pessoas do passado passaram a ser concebidas pelo

grupo como “personagens” fundamentais para compreensão da história do Brasil Republicano sob o ponto de vista negro. À ocasião, já totalmente mergulhada no trabalho à frente do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras da UFRJ, pareceu-me coerente e promissor caracterizar os “personagens” como intelectuais negr@s. Juntos – músico, marinheiro, médico, assistente social, professor universitário e educadoras –, formavam um grupo de trabalhadores, produtores de conhecimentos altamente relevantes para o progresso do país.

Além do desafio de escrever individualmente biografias, tornou-se nosso objetivo priorizar no projeto o ensino de História. Mal sabia eu que essa experiência que se estendeu por cinco anos seria tão impactante em minha trajetória profissional.

Uma miscelânea de temas emergiram do trabalho em equipe entre 2015 e 2020 – o lugar das subjetividades no fazer científico, a interseccionalidade de gênero, raça e classe, os limites e possibilidades da pesquisa ativista, os diferentes entendimentos acerca do diálogo escola-universidade, as diferentes percepções sobre o papel da intelectualidade negra no mundo acadêmico. Em meio a tudo isso, a autodefinição de ativista científica deu contornos específicos à minha participação no projeto Personagens do Pós-Abolição: Trajetórias e Sentidos de Liberdade no Brasil Republicano, no qual assumi a liderança de uma iniciativa

que dado seu porte tornou-se um segundo projeto – Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição. Um programa de formação para estudantes de graduação, bolsistas do do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ com cursos, seminários, rodas de conversa planejados como atividades preparatórias para realização das oficinas Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição, na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, no bairro de Costa Barros, Zona Norte carioca.

A participação de estudantes de graduação negros e cotistas no projeto Personagens do Pós-Abolição insere-se no trabalho que realizamos de construção de uma nova epistemologia, referenciada no conceito de “ciência para o negro”, do sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira:

Isto nos conduz a uma de nossas preocupações básicas no caso dos estudos do negro. O papel que pode representar o cientista identificado com sua etnia ou classe social; o que poderá trazer modificações ou contribuições às teorias e métodos aprendidos da sociologia geral, baseados em sua própria experiência de vida como negro, e seu empenho para a liberação sócio-psíquico-econômica de sua gente, de todo o vestígio de opressão e incluindo, sem dúvida, a opressão da ciência social mais geral. Daí invocarmos a necessidade de formação de intelectuais negros

(ou mesmo brancos), devotados à tarefa de esclarecer a natureza da experiência negra – mas de dentro.¹

Nossa participação no projeto Personagens do Pós-Abolição, desdobrada também neste livro, insere-se nesse contexto que, como dito, também envolve a Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza e que tem como coordenadora pedagógica a professora e mestra Claudielle Pavão, grande parceira e referência em educação e gestão públicas, feminismos negros e reeducação das relações raciais.

Considerando que uma das maiores demandas de estudantes universitários é a de uma formação acadêmica que articule teoria e prática, no Grupo PET, valorizamos autorias, subjetividades políticas e pontos de vista de cada bolsista com objetivo de construir práticas educativas ligadas às experiências de vida das comunidades negras. Foi assim que, em 2017, decidimos realizar o I Curso de Formação Ensino de História do Pós-Abolição como problema histórico.

1 OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

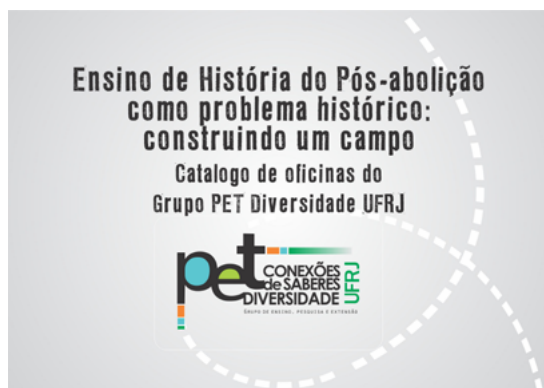
Programa do curso Ensino de História do Pós-Abolição
 como problema histórico. IFCS/UFRJ, 2017

ENCONTRO	TEXTOS	ATIVIDADES
I - Pós-abolição como problema do ensino de História	Texto 1) Diretrizes Curriculares para reeducação das relações raciais.	Análise de trechos das Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais
II - Pós-abolição e descolonização do currículo	Texto 2) RIOS, A. M.; MATTOS, H. M. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. <i>Topoi</i> , Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 170-198, jun. 2004. Texto 3) GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. <i>Currículo sem Fronteiras</i> , v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.	Apresentação de fontes escritas e orais para o estudo do pós-abolição no Brasil
III - Pós-abolição, escritas de si e biografias	Texto 4) SCHWARCZ, L. "Introdução" e "Clara dos Anjos e as cores de Lima". In: _____. <i>Lima Barreto: Triste visionário</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 8-20; 402-430. Texto 5) JESUS, C. <i>Diário de Bitita</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.	Escrita de carta para um dos biografados do projeto
IV - Pós-abolição e fontes históricas	Texto 6) GUIMARÃES, G. G.; ROCHA, S. P. Representações e visões de pessoas negras na literatura de cordel: um exercício em sala de aula para visualizar e superar imaginários racistas no pós-abolição (1888-1930). In: XAVIER, G. (org.). <i>Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas</i> . Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 233-255.	Início da elaboração da ficha de planejamento da oficina
V	Reunião de trabalho para fechar as oficinas	Finalização da elaboração da ficha de planejamento da oficina
VI	I Seminário Personagens do Pós-Abolição	Apresentação das oficinas desenvolvidas no âmbito do PET para equipe do projeto Personagens do Pós-Abolição e público do seminário

Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Desse curso, originou-se um catalogo de cinco oficinas, nosso primeiro produto relacionado ao projeto Personagens do Pós-Abolição. A seguir, a apresentação da equipe, organizada em duplas e trios construídas durante o curso de formação, e que se mantiveram nas oficinas na escola.

Capa do catálogo de oficinas do projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição, Grupo PET Diversidade UFRJ, cronograma dos encontros do curso de formação



Com programa curricular fundamentado nas conexões entre estudo e domínio da historiografia do pós-abolição, valorização da formação docente na graduação e desenvolvimento de práticas educativas alinhadas à Lei 10.639/03 e à reeducação das relações raciais no Brasil, e inspirada pela metodologia dos “Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros”, de Azoilda Loretto da Trindade, realizamos quatro encontros. Transpomos a questão do “pós-abolição como problema histórico” para o ensino de

História e discutimos a importância do uso de fontes históricas, além do papel das biografias no ensino de História. Cumprida essa jornada, o último encontro foi dedicado à construção dos planejamentos das oficinas pedagógicas a serem realizadas na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza.

Apresentação das duplas e trios do Grupo PET Diversidade da UFRJ, responsáveis pelas oficinas.



Importante ressaltar que, valorizando as relações horizontais entre escola e universidade, trabalhamos de forma conectada com a equipe da Daniel Piza, por meio de visitas, conversas e reuniões com a coordenação pedagógica. Esse diálogo incluiu a participação da professora mestra Claudielle, então coordenadora pedagógica da escola, em um dos encontros. Dedicado a debater as características da escola e de sua comunidade, este momento foi um divisor de águas no trabalho. Depois dele, passamos a refletir de forma mais sistemática sobre o papel político da nossa presença, como acadêmicos negros em uma escola na comunidade.

O I Seminário Personagens do Pós-Abolição na Fundação Getúlio Vargas também foi um momento importante. A ideia de realizá-lo surgiu da reconhecida importância tanto de fortalecer um espaço no qual a equipe do projeto Personagens do Pós-Abolição e do Grupo PET alinhassem expectativas, quanto de divulgar os conhecimentos científicos para um público amplo. Durante um dia de trabalho, compartilhamos ideias sobre os resultados, e quais seriam os próximos passos para dar sustentabilidade ao audacioso projeto de escrita biográfica de sete intelectuais negros do Brasil Republicano, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão.

Flyer de divulgação do I Seminário Personagens do Pós-Abolição.

OS GRUPOS CULTNA, INTELECTUAIS NEGRAS, GENBAF, LEER E AYA CONVIDAM
ENSINO DE HISTÓRIA DO PÓS-ABOLIÇÃO E ANTIRRACISMO

Seminário do Projeto
PERSONAGENS
PÓS-Abolição

Edital Capes Memórias Brasileiras: Biografias
DIA 07 DE DEZEMBRO DAS 10H ÀS 18H
 CPDOC | Fundação Getúlio Vargas
 Praia de Botafogo, 190 Sala 911

PROGRAMAÇÃO

10:00 h | Abertura

10:30 h | Mesa 1:
 Juliano Moreira e Paulo Silva, personagens do pós-abolição
 Prof. Dr. Amílcar Pereira (UFRJ)
 Profa. Dra. Ynaê Lopes dos Santos (CPDOC)
 Mediador: Prof. Dr. Álvaro Nascimento (UFRRJ)

12:30 h | Almoço

14:00 h | Mesa 2:
 Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição
 Profa. Dra. Giovana Xavier (UFRJ)
 Mediadora: Profa. Dra. Martha Abreu

15:30 h | O Ensino de História do pós-abolição como problema histórico: apresentação do catálogo de oficinas pedagógicas e materiais didáticos
 Bolsistas PIBIC Personagens do Pós-Abolição, Grupo PEI Diversidade UFRJ, PIBID História-FGV

17:00 h | Sessão de autógrafos:
 Giovana Xavier (Org.). Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas.
 Cachoeira: Ed. UFRB; Rode Janeiro: Fino Traço, 2016.
 Marthabreu. Da senzala ao palco: canções escravas e racismo nas Américas 1870-1930.
 Campinas: Ed. Unicamp, 2017.

Ynaê Lopes dos Santos. História da África e do Brasil Afrodescendente. Rio de Janeiro
 Editora Pallas, 2017.

Patrocinio
 CAPES

Apoio
 LEER-CPDOC
 AYA-UFRJ
 GENBAF-UFRRJ

JOÃO CÂNDIDO
MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO
EDUARDO DAS NEVES
JULIANO MOREIRA
PAULO SILVA
PROF. DR. ÁLVARO NASCIMENTO (UFRRJ)
PROFA. DRA. GIOVANA XAVIER (UFRJ)
PROFA. DRA. MARTHA ABREU (UFF)
PROFA. DRA. YNAÊ LOPES DOS SANTOS (CPDOC)
PROF. DR. AMÍLCAR PEREIRA (UFRJ)

Arte: Marcio Jullia Ferreira | Fonte: Divulgação

Fonte: CPDOC/FGV, 2017.

Os bolsistas PET realizaram esforços individuais e coletivos para sistematizar os conhecimentos produzidos durante o curso de formação para sua participação qualificada no Seminário. Para apresentar seus trabalhos como autores de oficinas pedagógicas, investiram na construção de apresentações acadêmicas objetivas e detalhadas, preparando-durante meses, através de encontros de orientação para confecção de PowerPoints, com proposições, metodologias, imagens, informações históricas, análises e referências historiográficas. Para a maioria foi a primeira experiência de apresentação de trabalho em evento científico.

Apresentação de trabalhos do Grupo PET durante o
I Seminário Personagens do Pós-Abolição.



Fotógrafa: Amanda Vitor Néri.

O misto de compromisso e ansiedade frente ao fato de apresentar as oficinas pedagógicas para um público que incluía autoras e autores dos livros biográficos – “nossas referências” –, em uma instituição elitista, na Zona Sul do Rio de Janeiro, acionou diversas subjetividades ligadas à “outremização”² e também à interseccionalidade de gênero, raça, classe, região. Considerando se tratar de um grupo composto por estudantes negros, moradores de favelas, bairros e municípios periféricos, a obrigatoriedade de passar pela catraca na entrada do prédio da Fundação Getúlio Vargas, a proibição do uso de bermudas e chinelos, as altas despesas de deslocamento, os preços exorbitantes de lanches e refeições, tornaram-se alvos de reflexões, durante e depois do seminário.

Realização das oficinas na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, 2018.



Oficina Juliano Moreira

2 Outremizar refere-se à sustentação da imagem de um 'Outro', que tem como objetivo criar vantagens para seu criador. Ver: MORRISON, Toni. *A origem dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Realização das oficinas na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, 2018.



Oficina Eduardo das Neves



Oficina João Cândido



Oficina Paulo Silva



Encerramento das oficinas

Após essa experiência, consideramos primordial continuar estudando a história do pós-abolição através do investimento na construção de práticas educativas inovadoras para o ensino de História. Foi assim que, em 2018, realizamos o II Curso de Formação Historiografia do Pós-Abolição, Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais. Dessa vez, coube à mestranda Pâmela Carvalho, bolsista Capes do projeto Personagens do Pós-Abolição, a coautoria da proposta e também a condução dos encontros. Ambas as etapas – curso e oficinas – foram feitas com auxílio de Carolina Aguiar, bolsista de iniciação científica do referido projeto.

Grupo PET durante o Curso de Formação Historiografia do Pós-Abolição,
Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais.



Essa divisão de bastão entre tutora e mestranda mostrou-se bastante frutífera. Além do trabalho altamente qualificado, Pamela, que, quando estudante de graduação, também fora bolsista PET, despertou bastante empatia e promoveu muitas reflexões com os integrantes do grupo. Tal aproximação somada a um novo programa de curso, pensado a partir das especificidades de bolsistas e nas demandas da comunidade escolar da Daniel Piza também nos marcaram.

Elas foram decisivas para aprofundar nossa compreensão e compromisso com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, dentro de uma perspectiva da ciência negra. Abaixo, apresentação, objetivos e metodologias do curso ministrado por Pâmela Carvalho, com meu acompanhamento:

1. Apresentação do curso: Elaborado no âmbito de formação interna dos estudantes do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes Diversidade, no contexto do projeto Personagens do Pós-Abolição: Trajetórias e Sentidos de Liberdade no Brasil Republica. O programa do curso discute as relações entre a produção historiográfica do pós-abolição e as práticas educativas relativas à reeducação das relações raciais. Divide-se em duas partes:

I) Cinco encontros com discussão bibliográfica acerca da historiografia do pós-abolição, articulada a reflexões

ligadas às práticas educativas e materiais dos/sobre os sujeitos que serão apresentados nas oficinas.

II) Essa parte do curso se constitui em dois encontros, visando à construção coletiva do calendário de oficinas, bem como à metodologia de cada uma.

2. Objetivos: O curso tem como objetivo oferecer e construir coletivamente suporte teórico, reflexões e proposições para a aplicação das oficinas ministradas com/para os estudantes de sexto e sétimo ano da Escola Municipal Daniel Piza, visando:

- Construir/fortalecer um repertório bibliográfico relacionado à historiografia do pós-abolição.
- Construir/fortalecer um repertório bibliográfico relacionado aos personagens referentes ao projeto Personagens do Pós-Abolição.
- Construir/fortalecer um repertório de possíveis práticas educativas que possam ser realizadas em espaço escolar e que contribuam para a construção de narrativas que valorizem escrita de si e a descolonização do pensamento.

3. Carga horária: 18 horas

(seis encontros, três horas cada) + um dia de imersão.

4. Metodologia: Nesse curso a sala de aula será encarada como um laboratório de construção de conhecimentos e metodologias coletivas.

Os cinco primeiros encontros serão momentos de discussão bibliográfica, a partir de material relacionado à historiografia do pós-abolição, aos personagens das oficinas e a práticas pedagógicas que contribuam para a desconstrução do pensamento. No fim de cada um dos cinco encontros, a dupla responsável pelo personagem trabalhado deverá fazer uma reflexão/proposição que sirva como disparador de sua oficina, pensando algum material contemporâneo que se articule com a discussão. A dupla será também a responsável por apresentar o texto para discussão coletiva. O sexto e o sétimo encontros serão reservados para o encerramento do curso. Todas as duplas devem levar a proposta de metodologia (contendo atividades, reflexões, materiais) pensada para sua oficina. As propostas serão discutidas coletivamente, e será feito seu cronograma de realização. Cada oficina deverá apresentar algum “produto”, resultante da atividade na escola. Como sugestões de produtos a serem desenvolvidos nas oficinas, temos cordel; autorretrato; coluna de jornal; biografias (dos próprios estudantes ou de pessoas importantes para eles); letras de música, dentre outros.

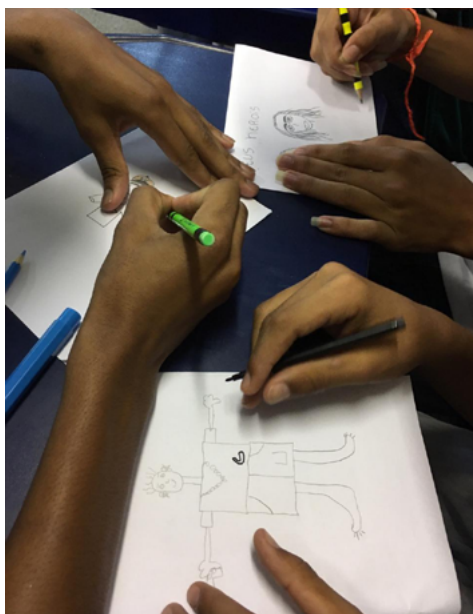
Com esse nível de compromisso e dedicação perante a proposta das oficinas pedagógicas, a primeira edição do projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição foi impactante tanto do ponto de vista acadêmico, quanto escolar. Na UFRJ, fortalecemos novas epistemologias por meio de um projeto de formação de novas gerações. Além da atualização historiográfica em história

do pós-abolição, tal projeto envolvia leitura e discussão de textos de autoras e autores negros; rodas de conversa sobre as relações entre trajetórias de vida de cada um com as dos biografados do projeto Personagens. Também o estímulo à escrita acadêmica criativa; à realização de vivências com poesias, músicas, artes plásticas. A narrativa na primeira pessoa de textos biográficos. Os debates e reuniões de orientação para construção dos planejamentos das oficinas referenciados por autoras como bell hooks, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes.

Em resposta a esse investimento, durante cinco dias, o Grupo PET trabalhou junto à comunidade da Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza no Complexo da Pedreira escrevendo novas histórias do pós-abolição por meio de “aulas-oficinas”.³ Baseadas em conteúdos historiográficos atualizados e na criação de práticas educativas centradas nos conhecimentos e gostos das crianças e adolescentes, ensinamos e aprendemos sobre a importância de valorizar as histórias das pessoas do passado e do presente. Isso envolve tanto familiares e profissionais da escola, quanto os personagens do pós-abolição.

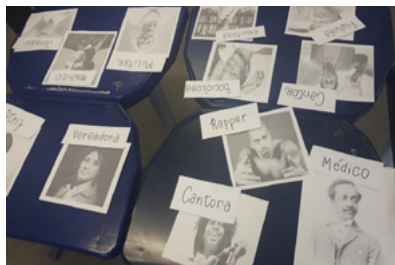
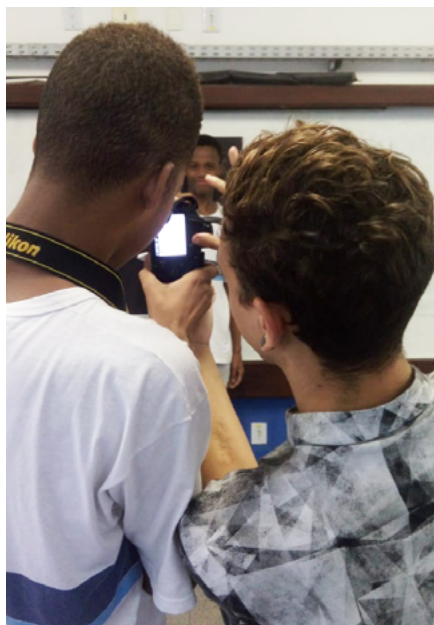
3 BARCA, I. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: _____. *Por uma educação histórica de qualidade*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Investigação em Educação, 2004, p. 131-145.

Atividades realizadas durante as oficinas Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição
na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza.



Além das rodas de conversa, confeccionamos linhas do tempo, livretos, capas de CDs, fotografias, jogos, desenhos. Essas e outras produções potencializaram a aproximação entre escola e universidade por meio de relações estabelecidas em sala de aula entre estudantes da UFRJ e da escola pública. Unidos pelas afinidades de histórias de vida (origem, raça, trajetória escolar, classe) e também pela identificação com os conteúdos apresentados, os dois grupos construíram juntos formas de se reconhecerem como autores e protagonistas de suas histórias.

Atividades realizadas durante as oficinas Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição
na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza.



Como desdobramento, ainda em 2018, realizamos no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ o I Seminário Ciência para o Negro. O evento, embora não faça parte do projeto Personagens do Pós-Abolição, conecta-se ao projeto, ajudando-nos a dimensionar o impacto do trabalho com ciência negra na universidade.

Flyers de divulgação do I Seminário Ciência para o Negro.



Fonte: IFCS/UFRRJ, 2018.

Embora estivéssemos em um cenário político muito distinto daquele de quando iniciamos o projeto Personagens do Pós-Abolição (2016), decidimos – após muita conversa – realizar a segunda edição do projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição na mesma escola. Decisão tomada por razões múltiplas: as relações de afeto estabelecidas com a comunidade escolar; a consciência da importância de nossa presença no Complexo da Pedreira; o desejo de continuar estudando e desenvolvendo práticas educativas para

o ensino de história do pós-abolição; o estímulo ocasionado pelas reuniões de pesquisa do Grupo Cultura Negra no Atlântico, realizadas mensalmente na Universidade Federal Fluminense, sob coordenação de Martha Abreu; a proximidade da finalização do projeto Personagens do Pós-Abolição.

Flyer de divulgação do Encontro do Grupo de Estudos e Pesquisas Cultura Negra no Atlântico (Cultna UFF).

PROJETO PERSONAGENS
PÓS Abolição
 ...histórias que precisamos saber e contar.

convida
#EncontrosCultna

**"O BAÚ DE LAUDELINA:
 PROPOSTA PARA UM ENSAIO
 DE HISTÓRIA ANTI-RACISTA"**

Profa. Ms. Fernanda Crespo (PPGEH/UFRJ)

02 de Abril
Horário: 14h
IFCS/UFRJ
 Largo de São Francisco de Paula,
 s/n, Centro | Rio de Janeiro | RJ

CULTNA

Encontro de balanço do
II SEMINÁRIO INTERNACIONAL
Histórias do
Pós-abolição
no Mundo Atlântico

15
JUNHO
SEXTA-FEIRA
14:30h às 16:30h

**Local: ICHÉ, Campus Gragoatá,
 Bloco P | Sala 503**
 Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis,
 5/II - São Domingos, Niterói

PROJETO PERSONAGENS
PÓS Abolição
UMA HISTÓRIA QUE PRECISA SER CONTADA

RELACIONAMENTO DE PARTICIPANTES:
 NELSON MACQUEMONTI (UFFL), MARTINA ANDRE (UFF), MARILZENE PEREIRA (UFFL), SIMONE ALVES (UFFL),
 YNAY CAMPOS DOS SANTOS (PPHCS), FERNANDA REIS (UFFL), FÁBULA CARVALHO (UFFL), CAROLINA ARAÚJO (UFFL)

Temas: Laudelina Campos de Mello e Avaliação do I Seminário
 Personagens do Pós-Abolição na UFF e UFRJ, 2018.

Assim, em novembro de 2019, após um ano de trabalho dedicado a refletir sobre as atividades desenvolvidas pelo grupo entre 2017 e 2018, realizamos a segunda edição do projeto na escola. Dessa vez, a metodologia de trabalho baseou-se na revisão individual do planejamento das oficinas da primeira edição, aprimorando-o para esse segundo momento por meio de encontros para elaboração, revisões e debates sobre questões conceituais e metodológicas.

Tratou-se de um tempo muito rico e importante na formação acadêmica. Individual e coletivamente, operamos com lugares de escuta, fala, observação, crítica, elogio, avaliação, além de despendermos novos investimentos em leituras e debates historiográficos. Nessa etapa de culminância, além das oficinas, pensadas, de novo, por meio do diálogo entre o Grupo PET e a comunidade da Daniel Piza, avançamos nas proposições, e também nos dedicamos à produção do documentário *Pensamento Negro Acadêmico na UFRJ* e dos curtas das oficinas *Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição*.

Segunda edição do projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição
na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, 2019.



Segunda edição do projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição
na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, 2019.



Segunda edição do projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição
na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, 2019.



Segunda edição do projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição
na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, 2019.



Durante três dias, a equipe de bolsistas voltou a campo. Juntos, trabalhamos na sala de aula da Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza novas formas de ensinar e aprender histórias do pós-abolição, dessa vez, com estudantes dos quinto e sexto anos. Todas as oficinas, assim como as percepções dos bolsistas do Grupo PET, da coordenação pedagógica da escola e também da coordenadora do projeto Personagens do Pós-Abolição, Martha Abreu, foram registradas pelas câmeras de Raquel Terto e Rodrigo Freitas, pesquisadores do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense, que atuaram ao lado do fotógrafo Jéferson Vasconcelos na produção de registros audiovisuais de um momento ímpar de formação universitária.

Em relação a este livro, faz tempo que nutrimos o sonho de escrever nas nossas muitas primeiras pessoas sobre o trabalho realizado no projeto Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição. Com base nas reflexões acumuladas das oficinas, articuladas aos referenciais científicos do grupo, tecemos um projeto editorial focado na ciência negra. Para tal, desenvolvemos coletivamente um roteiro para que cada bolsista e a coordenação pedagógica da escola narrasse, no discurso científico, o que representa a sua participação no PET e também no projeto das oficinas. Concebido como um norte, tal roteiro teve como intuito valorizar as histórias individuais de quem escreve, e, ao mesmo tempo, evidenciar a

identidade coletiva, construída durante cinco anos de trabalho dentro de grupo acadêmico composto por intelectuais negros – professora e bolsistas – da maior universidade do Brasil.

Roteiro para escrita dos ensaios da coletânea

Título do texto

1. Cientista na primeira pessoa: como vim parar no Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ
2. Descoberta e relação com a personagem biografada
3. Processo criativo: como transformar conceitos em práticas educativas?
4. Personagens biografados na escola: afetos, limites e possibilidades
5. O que representou para mim participar desse projeto?
6. Referências
7. Sugestões de títulos para a obra

Ainda há muito o que ouvir e escrever sobre os ecos do projeto Personagens do Pós-Abolição na UFRJ e na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza. Por ora, vale registrar a alegria de protagonizarmos um projeto singular no qual, com ferramentas científicas valorizamos trajetórias, sonhos e projetos de crianças e jovens negros. Memórias escolares, estranhamento, curiosidade. Empatia, acolhimento e diálogos horizontais entre universidade e escola. Tudo isso se remete à continuidade do

trabalho e das reflexões acerca dos desafios postos à manutenção e ampliação das conquistas alcançadas pela população negra diante do cenário de recrudescimento da extrema-direita no Brasil.

O Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ encerra um longo ciclo chamado projeto Personagens do Pós-Abolição. Alguns bolsistas concluíram sua participação no PET dando continuidade aos vãos acadêmicos. Pâmela Carvalho tornou-se mestra em Educação no PPGE/UFRJ, Ricardo Lage, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciências Sociais da UFRJ. Marlon Gama, Nayara Santos, Veronica Santos, Wickson Moreira seguem no grupo, em vias de conquistarem seus diplomas, com inserções profissionais relacionadas às suas áreas de formação. Eu, por meu turno, saio mais fortalecida do que quando entrei, em 2016, e mais consciente do meu papel como liderança acadêmica, condutora de projetos centrados na ciência negra e em sua relevância para escrita de novas histórias do Brasil.

Nessa coletânea assim como em todo o projeto Personagens do Pós-Abolição, realizamos o sonho de escrever novas histórias, que seguimos colocando em prática. Como aprendemos com Carolina Maria de Jesus, “a vida é como um livro. A gente só sabe o final quando se encerra”.

Axé!



Grupo PET Diversidade UFRJ. IFCS/UFRJ, 2019.

CAPÍTULO 2

“VOU APRENDER A LER PRA ENSINAR MEUS CAMARADA”¹: II CURSO DE FORMAÇÃO – HISTORIOGRAFIA DO PÓS-ABOLIÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E REEDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS



Pâmela Nunes de Carvalho, bolsista de mestrado do Projeto Personagens do Pós-Abolição entre 2017 e 2019, mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRJ).

1 Trecho da canção “Yá Yá Mاسمبا”, de autoria de Roberto Mendes.

INTRODUÇÃO

Este texto pretende tecer reflexões acerca do II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição, Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais, realizado no segundo semestre de 2018, no âmbito do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Dividido em duas partes, o trabalho apresenta saberes e “escrevivências” em primeira pessoa. Esses são essenciais para que cheguemos à segunda parte, na qual apresento o referido curso, idealizado e executado como espaço de trabalho acadêmico preparatório para as oficinas ministradas na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza pelos graduandos e graduandas do Programa.

O trecho da canção do baiano Roberto Mendes, que intitula o trabalho, nos ajuda a compreender a narrativa apresentada. “Aprender a ler pra ensinar meus camaradas” representa um compromisso com a educação. Mais diretamente, com uma educação para a liberdade, pensada a partir do paradigma da reeducação das relações raciais no Brasil.

CIENTISTA NA PRIMEIRA PESSOA

Sou Pâmela Cristina Nunes de Carvalho. Filha de dona Vânia Maria e Roberto Carlos. Irmã de Priscila Roberta,

Pablo Vinícius e Pedro Henrique. Neta de Dona Aparecida e do senhor Valdir, vulgo Valdir Caramba. Moradora do Parque União, no Conjunto de Favelas da Maré e fundadora do Quilombo Etu, onde desenvolvo metodologias de educação antirracista a partir das culturas populares afrobrasileiras.

Em 3 de janeiro de 1993, nasci no Morro do Jramento, em Thomás Coelho, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. A casa onde nasci, era conhecida no morro como “Casa do Drácula”, pois era úmida, escura e funcionava como chiqueiro antes de minha família “tomar posse”.

Minha mãe, merendeira, sempre acreditou que a educação poderia ser uma chave para a mudança de nossa realidade. Assim, pegou um empréstimo e me inscreveu para fazer prova para o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet), e nesse momento minha relação com a educação formal começou a mudar. Oriunda de escolas públicas municipais, tive muita dificuldade em me adaptar ao ritmo do colégio, onde grande parte dos estudantes era de classe média e tinha uma trajetória escolar bem diferente da minha. Porém, também nesse momento, passei a ver na educação uma possibilidade de campo de pesquisa e trabalho.

Fui bolsista de iniciação científica e comecei a realizar transformações por meio da educação. Nesse colégio também

conheci a UFRJ por meio de “passeios” e parcerias, e finalizando o ensino médio, prestei Enem para História, nessa instituição.

Conclui licenciatura e bacharelado em História, tendo como tema de pesquisa o jongo, como forma de ler a história do Brasil. Essa pesquisa entrelaça-se com minha trajetória pessoal, uma vez que desde os 15 anos, vivo o que chamamos de “Cultura Popular” no Rio de Janeiro, tendo passado por grupos como Tambor de Cumba, Companhia Mariocas, Tambores de Olokun e Quilombo Etu.

Em 2018, ingresso no mestrado em Educação na UFRJ e no Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras da UFRJ, sob orientação da professora doutora Giovana Xavier. Assim, percebo a perspectiva da “escrivência” (conceito cunhado pela escritora Conceição Evaristo) e da importância de visibilizar as narrativas de intelectuais negras. Nesse contexto, torno-me bolsista Capes do projeto Personagens do Pós-Abolição. Como estudante-mestranda financiada, assumo o compromisso de pesquisadora junto ao de educadora.

Em meus primeiros anos de graduação na UFRJ, fui bolsista do Grupo PET Conexões de Saberes Identidades, coordenado pela professora doutora Warley da Costa. Esse grupo foi essencial para que eu comesse a me entender como pesquisadora, e tivesse também condições de permanência na universidade.

Em 2018, volto a trabalhar de forma direta com PET, porém agora no âmbito do Grupo Diversidade, sob a coordenação de Giovana Xavier, minha orientadora no mestrado. Esse retorno permitiu-me refletir sobre a importância de políticas públicas de acesso e permanência na universidade, além de me possibilitar observar as práticas de/em educação por meio de uma dupla posição: ex-integrante do Grupo PET e educadora.

Essa duplicidade impulsiona possibilidades de construção de epistemologias e reconfiguração de lugares não pensados para jovens educadores. Por isso, a escrita em primeira pessoa é tão importante: para que os saberes sejam localizados e para que possamos olhar para “escrevivências” – carregadas de sentidos e signos que nos ajudam a compreender a história do Brasil – como conteúdos educativos relevantes.

II CURSO DE FORMAÇÃO – HISTORIOGRAFIA DO PÓS-ABOLIÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E REEDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS

O projeto Personagens do Pós-Abolição: Trajetórias e Sentidos de Liberdade no Brasil Republicano pretende trabalhar com as narrativas e produções intelectuais de sujeitos que, apesar de incontestáveis aportes para a história do Brasil, não tiveram

reconhecimento nos meios de propagação e legitimação da dita “História Oficial do Brasil”.

Esses personagens possuem nome, sobrenome e relevância. São eles Eduardo das Neves, nascido no Rio de Janeiro e um dos grandes nomes da música popular brasileira, violonista, poeta, cantor e compositor. João Cândido, líder da Revolta da Chibata – levante contra a situação degradante a qual eram submetidos marinheiros nos anos 1910. Juliano Moreira, médico psiquiatra, considerado fundador da disciplina psiquiátrica no Brasil e um dos principais responsáveis pela mudança nas interpretações sociais das doenças mentais no país. Paulo Silva, um dos maiores nomes da música erudita nacional, responsável por desenvolver o conceito de contraponto e professor emérito da UFRJ. Por fim e não menos importante, Maria de Lourdes Vale Nascimento, assistente social, escritora, ativista e autora da coluna “Fala a Mulher”, em *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro brasileiro*, jornal carioca, no qual propagou pautas e produções intelectuais de mulheres negras.

Foram essas as biografias que inspiraram o II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição, Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais. Entendo que não existe neutralidade com relação a escolhas teórico-metodológicas, e que

a seleção de um texto, vídeo ou quaisquer conteúdos referem-se a posicionamentos políticos.

Elaborado no âmbito de formação interna dos estudantes do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ, no contexto do projeto Personagens do Pós-Abolição: Trajetórias e Sentidos de Liberdade no Brasil Republicano, o curso discutiu as relações entre a produção historiográfica do pós-abolição e as práticas educativas relativas à reeducação das relações raciais e foi dividido em duas partes.

- I) Cinco encontros com discussão bibliográfica acerca da historiografia do pós-abolição, articulada a reflexões ligadas às práticas educativas e materiais dos/sobre os sujeitos que serão apresentados nas oficinas.
- II) Dois encontros visando à construção coletiva do calendário de oficinas, bem como a metodologia de cada uma.

O curso teve como objetivo oferecer e construir coletivamente suporte teórico, reflexões e proposições para a aplicação das oficinas ministradas com/para os estudantes de sexto e sétimo anos da Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, visando:

- » Trabalhar referências bibliográficas relacionadas à historiografia do pós-abolição e aos personagens do projeto Personagens do Pós-Abolição.
- » Desenvolver um repertório de práticas educativas baseadas na transgressão, na autonomia e no autoco-nhecimento, e que sejam capazes de contribuir para a escrita de novas histórias do Brasil Republicano.

A articulação entre diferentes formatos de conteúdos foi essencial. Os saberes orais em forma de vídeo, músicas e narrativas articularam-se às produções bibliográficas de autores e autoras especializados nas biografias e temas correlatos às produções dos personagens trabalhados. Como exemplo disso, temos o cronograma dos dois primeiros encontros, pautados nas biografias de Eduardo das Neves e Juliano Moreira, respectivamente.

A audição de uma música produzida por Eduardo da Neves – “O Meu Boi Morreu” (1916) – foi extremamente importante para a discussão sobre passados-presentes e indústria fonográfica, além de nos desafiar no debate que versa sobre a música dita popular e a considerada erudita.

Ainda num movimento de passados-presentes, o encontro realizado a partir da biografia de Juliano Moreira propiciou um debate acerca da saúde mental da população negra, articulando os

avanços levados por Moreira à psiquiatria com aqueles relacionados ao debate sobre saúde mental e mulheres negras.

Programa do II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição,
Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais.

DATA	TEMA	INDICAÇÕES DE LEITURA E REFERÊNCIAS
20 ago.	O “crioulo Dudu”: narrativas sobre música, política e identidade	1. ABREU, M. O “crioulo Dudu”: participação política e identidade negra nas histórias de um músico cantor (1890-1920). <i>Topoi</i>, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 92-113, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/topoi/v11n20/2237-101X-topoi-11-20-00092.pdf. Acesso em: 01 jul. 2018. 2. NEVES, E. <i>O Meu Boi Morreu</i>. 1916. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=obOIQa4MJ98. Acesso em: 01 jul. 2018. 3. CAÇAPA. Por uma discografia nordestina: 1902-1919. <i>Outros Críticos</i>. 20 abr. 2017. Disponível em: https://outroscriticos.com/por-uma-discografia-nordestina-1902-1919/. Acesso em: 01 jul. 2018 Apresentação dos trabalhos (propostas de oficinas) no Seminário Pós-Abolição (cada dupla traz no seu dia).
27 ago.	Ponta de lança: Juliano Moreira e a ciência para o negro	1. ODA, A. M. G. R.; DALGALARRONDO, P. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. <i>Revista Brasileira de Psiquiatria</i>, v. 22, n. 4, p. 178-179, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22n4/3432.pdf. Acesso em: 01 jul. 2018. 2. ALELUIA, R. Minha história em saúde mental. In: WERNECK, J.; MENDONÇA, M.; WHITE, E. (org.). <i>O livro da saúde das mulheres negras</i>: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas, Criola, 2006. p. 167-175. 3. PICCINI, V. História da Psiquiatria Juliano Moreira: 1873-1933. <i>Portal Geledés</i>. 14 jul. 2016. Disponível em: https://www.geledes.org.br/historia-da-psiquiatria-juliano-moreira-1873-1933/. Acesso em: 01 jul. 2018.

DATA	TEMA	INDICAÇÕES DE LEITURA E REFERÊNCIAS
3 set.	Gênero, raça, classe e educação: Maria de Lourdes Vale Nascimento	1. NASCIMENTO, M. L. V. Coluna “Fala a mulher”. <i>O Quilombo</i>: Vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro. jun. 1949, ano I, n. 3, p. 12. Disponível em: http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-03/. Acesso em: 01 jul. 2018. 2. XAVIER, G. “Fala a mulher” ou a mulher também fala? Maria de Lurdes Vale Nascimento e as articulações entre gênero, raça e classe no jornal <i>O Quilombo</i> (Rio de Janeiro, 1948-1950). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., Curitiba, 2015. <i>Anais...</i> Curitiba, 2015. Disponível em: http://www.escravidaoeliberdade.com.br/congresso/index.php/E-X/7/paper/viewFile/211/90. Acesso em: 01 jul. 2018. 3. SILVA, C.; SANTIAGO, M. E. Trabalho docente e construção de identidades: condições, possibilidades e limites do trabalho sobre relações étnico/raciais no espaço escolar. <i>Práxis Educacional (on-line)</i>, v. 11, p. 17-41, 2015. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/4699/4486. Acesso em: 01 jul. 2018.
10 set.	Trabalho e liberdade: O Almirante Negro João Cândido	1. NASCIMENTO, Á. P. Sou escravo de oficiais da Marinha: a grande revolta da marujada negra por direitos no período pós-abolição (Rio de Janeiro, 1880-1910). <i>Revista Brasileira de História</i> (on-line), v. 36, p. 1-22, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbh/2016nahead/1806-9347-rbh-2016v36n72_009.pdf. Acesso em: 01 jul. 2018. 2. CANDIDO, J. <i>Nação TVE entrevista João Cândido</i>: conteúdo extra de Revolta da Chibata. 14 out. 2015. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=y3lfcd9B0mE. Acesso em: 01 jul. 2018. 3. BRAGA, E. (coord). <i>Almanaque histórico João Cândido</i>: a luta pelos direitos humanos. Brasília: ABravideo, 2008. Disponível em: http://www.projetomemoria.art.br/JoaoCandido/downloads/down_almanaque_JC_site.pdf. Acesso em: 01 jul. 2018.

DATA	TEMA	INDICAÇÕES DE LEITURA E REFERÊNCIAS
17 set.	Paulo Silva: Intelectualidade negras e relações raciais no Brasil	1. PEREIRA, A. A. Era só mais um Silva que a estrela não brilha? Paulo Silva e as relações raciais no Brasil. In: D'ADESKY, J.; SOUZA, M. T. (org.). <i>Afro-Brasil: debates e pensamentos</i>, v. 1. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2015, p. 236-264. 2. OLIVEIRA, E. R. <i>Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual</i>: considerações do processo de constituir-se negro-intelectual. 2014. Tese (Doutorado em Educação). UFSCar, São Carlos, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2340/5906.pdf?sequence=1. Acesso em: 02 jul. 2018.
24 set.	Encerramento do curso (das 9h às 13h e das 14h às 18h)	Leitura geral: ALBUQUERQUE, W.; FRAGA FILHO, W. <i>Uma história do negro no Brasil</i>. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf. Acesso em: 02 jul. 2018. Todas as duplas devem levar a proposta de metodologia (contendo atividades, reflexões, materiais) contendo uma apresentação em PowerPoint (cerca de cinco <i>slides</i>) com o conteúdo/material de sua oficina. As propostas serão discutidas coletivamente. O texto elencado é leitura indicada para reflexão geral.

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Azoilda Loretto da Trindade traz uma importante contribuição para o debate acerca de uma educação para a liberdade:

O fazer pedagógico carece de uma nova orientação que permita a estudantes de todas as etnias, gêneros e grupos sociais usufruir das mesmas oportunidades, em igualdade de condições, visando à cidadania plena. Passemos a uma

elaboração possível desse trabalho em sala de aula, respeitando a nossa africanidade.²

Essa percepção foi essencial para elaboração do programa do curso. A busca por uma cidadania plena é estruturante do Grupo PET e de suas ações, em especial quando realizadas em escolas da rede pública. Deste modo, os conteúdos e metodologias do curso foram desenvolvidos alinhados com o propósito de criar ferramentas na busca pelo direito à cidadania plena.

Encontro do II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição,
Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais. IFCS/UFRJ, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

2 TRINDADE, A. L. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, A. P. (coord.). *Saberes e fazeres: modos de ver*, v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

Nesse curso, a sala de aula foi encarada como laboratório de construção de conhecimentos e metodologias coletivas. Uma coordenadora, que é uma das referências em nível nacional no debate entre raça e gênero; uma mestranda engajada no projeto de construção de novas epistemologias, doze graduandos que entendem a educação pública como local de potência e de construção de conhecimento, essa foi a equipe responsável pelo desenvolvimento do curso-laboratório. Assino essa curadoria, entendendo que todas as vozes foram essenciais para realização da formação da melhor forma. Iniciativas como essa conectam diferentes lugares e narrativas no campo da educação, a partir de um compromisso em comum: produzir metodologias para uma educação para a liberdade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *O perigo da história única*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>. Acesso em: 01 dez. 2019.

ALBUQUERQUE, W.; FRAGA FILHO, W. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

BARCA, I. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: _____. *Por uma educação histórica de qualidade*. Universidade do Minho: Centro de Investigação em Educação, 2004, p. 131-145.

EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org). *Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16-21. Disponível em: <http://nos-saescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 01 dez. 2019.

GOMES, F. S. História, historiadores: ensino e pesquisa em história da escravidão e da pós-emancipação. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as*, v. 8, n. 18, p. 296-315, 2016. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/53>. Acesso em: 01 dez. 2019.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, K. Construção da identidade negra no contexto da globalização. *Cadernos PENESB*, Niterói, n. 4, p. 61-83, 2002.

NASCIMENTO, E. L. (org.). *A matriz africana do mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

OLIVEIRA, E. R. *Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual: considerações do processo de constituir-se negro-intelectual*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - UFSCar, São Carlos, 2014. Disponível

em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2340/5906.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 dez. 2019.

PETIT, S. H. *Pretagogia*: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Fortaleza: EdUECE, 2015.

_____. Práticas pedagógicas para a lei nº 10.639/2003: a criação de nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 21, p. 657-684, 2016. Disponível em: <https://educacaoemfoco.ufjf.emnuvens.com.br/edufoco/article/viewFile/3194/99>. Acesso em: 01 dez. 2019.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas. *Revista Periferia*, v.10, n.1, p. 71-88, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504/24540>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SILVA, C. *Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras*: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17577/1/Tese%20Claudilene%20Vers%C3%A3o%20Final.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SOUZA, F. F. *Criados, escravos e empregados*: o serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920). Tese. (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1927.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SOUZA, R. S. *Tudo pelo trabalho livre: trabalhadores e conflitos no pós-abolição (Bahia, 1892-1909)*, vol. 1. Salvador: EDUFBA; São Paulo: FAPESP, 2011.

TRINDADE, A. L. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, A. P. (coord.). *Saberes e fazeres: modos de ver*, v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.

XAVIER, G. (org.). *Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas*. Belo Horizonte: Fino Traço; Cachoeira: UFRB, 2016.

CAPÍTULO 3

ENTRE MUITAS MARIAS: A EXPERIÊNCIA DA OFICINA MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO



Wickson Ribeiro, estudante do curso de licenciatura em Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Fonte: Acervo Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ. Fotógrafo: Jéferson Vasconcelos.

*Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma
pessoa ilustrada sabe suportar os amarumes da vida.¹*

CIENTISTA NA PRIMEIRA PESSOA

Chamo-me Wickson Moreira Ribeiro. Sou graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cheguei ao Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ no segundo período da universidade, movido pela necessidade de acessar biografias que não encontrava nos programas das disciplinas acadêmicas. Desde 2016, cresci junto com o grupo, e hoje desenvolvo pesquisas no campo das relações étnico-raciais, ciência e tecnologia. Fui premiado com duas menções honrosas por pesquisas na Semana de Integração Acadêmica (SIAC 2018 UFRJ). Além de bolsista do PET, atuo como monitor das disciplinas de Introdução à Sociologia e Questões Sociológicas Contemporâneas.

1 JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LUTAS QUE NÃO PODEM SER APAGADAS: DESCOBERTA E RELAÇÃO COM O PERSONAGEM

A descoberta de Maria de Lourdes Vale Nascimento obedeceu ao método de trabalho que o Grupo PET Diversidade desenvolve. Esse método relaciona-se à produção de uma episteme de valorização dos saberes das classes trabalhadoras, onde se destaca a comunidade negra. Deste modo, as escolhas das personagens que seriam trabalhadas nas oficinas ocorreu por meio de uma vivência orientada pela professora Giovana Xavier.

A atividade ocorreu em uma sala com uma mesa no centro. Nesta, estavam dispostas várias imagens, e ao comando da professora e com a marcação de tempo realizada pela execução de uma música, nós, estudantes, fomos convidados a observar todas as fotos e, no fim, escolher uma. A partir das escolhas das imagens, formaram-se, no término, grupos de trabalho de confecção e apresentação das oficinas.

O método elaborado para as escolhas dos personagens distanciou-se da esfera objetiva e funcionalista do espaço acadêmico, no qual o distanciamento do “objeto de pesquisa” e a supressão dos afetos do pesquisador junto à sua atividade são preconizados. No PET todos os estudantes foram convidados a sentir e refletir sobre os afetos gerados pelas imagens dispostas na mesa.

A imagem de uma mulher negra usando brincos de pérolas, vestida aparentemente para uma ocasião especial, tocou-me, gerando curiosidade. Desta maneira, descobro Maria de Lourdes Vale Nascimento. Segundo a versão on-line do *Dicionário Priberam*,² descobrir tem a ver com “achar o ignorado”. Assim, descobro Maria Nascimento. Uma mulher negra que teve sua história de luta ignorada ou ocultada até então por grande parte da historiografia do movimento negro brasileiro. Junto à sua imagem, descobri também o percurso de luta de direitos trabalhistas das empregadas domésticas do país, bem como a percepção atenta à infância negra.

Maria de Lourdes Vale Nascimento foi uma intelectual negra do pós-abolição cofundadora do Teatro Experimental do Negro, colunista do jornal *Quilombo: vidas, problemas e aspirações do negro brasileiro*. Nele, escreveu a coluna “Fala a Mulher”, e foi uma das fundadoras do Conselho Nacional de Mulheres Negras. O encontro com a ativista permitiu simultaneamente ter contato com uma parte importante da história do Brasil, como também me encontrar e perceber-me em sua trajetória de luta.

A escassez de informações e imagens de Maria de Lourdes Vale Nascimento assinalam a importância do registro

2 “Descobrir”: vem do latim *discooperio*, -ire, descobrir, pôr a descoberto, destapar, verbo transitivo. 1. Achar o ignorado, o desconhecido ou o oculto. 2. Fazer um descobrimento. Cf. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.

das conquistas e dos espaços que ocupo, uma vez que as dinâmicas de funcionamento do cotidiano são atravessadas pelas opressões de gênero, raça e classe. Opressões estas que tendem a ocultar, ignorar e excluir da história oficial a presença de mulheres e homens negros na produção intelectual. A elaboração e condução das oficinas em sala de aula permitiu-me construir com Maria de Nascimento uma relação de professora e aluno, na qual, a cada passo de construção das oficinas, foi possível mergulhar no autoconhecimento por meio da sua trajetória.

**PARA ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE:
PROCESSO CRIATIVO DE COMO TRANSFORMAR
CONCEITOS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS**

O Grupo PET baseia-se no tripé da universidade pública – ensino, pesquisa e extensão. Ademais, entende essas atribuições como correlatas e contínuas, ou seja, todas as atividades do grupo, sejam elas dentro da universidade ou na escola básica, entrelaçam esse tripé encurtando a distância entre universidade e comunidade.

As atividades realizadas pelo Grupo dentro do espaço acadêmico têm como meta a constituição de uma via de transposição dos saberes acadêmicos com e para a comunidade externa, assim como a valorização dos saberes negros dentro da academia. O grupo prima pela atenção constante à transformação das

pesquisas realizadas em dispositivos pedagógicos que possam ser trabalhados no ensino básico.

Nosso histórico de realização de atividades com escolas do ensino fundamental I e II possibilitou uma certa facilidade na constituição das oficinas. Entretanto, ainda assim, realizamos uma formação interna elaborada e conduzida pela então mestrand Pâmela Carvalho. Nela, foi possível o aprofundamento nas biografias dos personagens e a troca de ideias para a elaboração de todas as oficinas. Processo que resultou em um trabalho que congrega as dimensões macro e micro da formação coletiva. As ideias das duplas e trios para o trabalho dirigido com cada biografado foram essenciais, afetando e sendo afetada por toda a equipe.

O contexto de intervenção militar do estado do Rio de Janeiro, o histórico de conflitos violentos no entorno da Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza exigiram atenção redobrada na constituição das oficinas. Essa atenção foi transposta em forma de três parâmetros que nortearam a elaboração e execução das oficinas.

A primeira proposta do grupo de trabalho da oficina foi valorizar as realizações da biografada para estimular a turma a pensar nas afinidades da ativista com figuras de sua família, que, assim como Maria de Lourdes Vale Nascimento, realizam diferentes tarefas.

O segundo fator que priorizamos foi a leveza dos conteúdos, uma vez que os estudantes da escola já estão submersos em uma realidade que experimenta diariamente as opressões de gênero, raça e classe. A história de Maria foi apresentada não como exceção, mas como um caminho possível para estudantes.

O terceiro e último parâmetro foi a troca de saberes com a escola, atuando em sala de aula através de procedimentos pedagógicos que valorizam a potência dos estudantes como agentes de produção de conteúdos. Deste modo, a oficina culmina na feitura da colagem “Muitas Marias”, produzida coletivamente pela turma com nossa mediação.

Oficina Muitas Marias na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza,
em 13 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Oficina Muitas Marias na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza,
em 13 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Por meio desses parâmetros, construímos a Oficina Maria de Lourdes Vale Nascimento: Muitas Marias, que é composta de duas etapas. Primeira: apresentação formal da personagem. Destacamos seu protagonismo na cofundação do Teatro Experimental do Negro, e também ressaltamos sua participação como colunista do jornal no *Quilombo: vidas, problemas e aspirações do negro brasileiro* (1948-1950), na luta pelos direitos trabalhistas das empregadas domésticas. Por fim, enfatizamos sua atuação como assistente social, na qual destacamos sua preocupação com a infância negra. Em seguida, realizamos um paralelo entre a história da trajetória de Maria de Lourdes com as famílias dos estudantes. Ressaltamos como mulheres são muitas ao mesmo

tempo (trabalham fora, cuidam dos filhos, familiares e comunidade etc.). A partir desse gancho, iniciamos a segunda etapa, que consistiu na produção de uma colagem, feita com o objetivo de presentear as pessoas por quem estudantes são cuidados.

A oficina teve como conceitos de referência “agência”, “escrevivência”, “ancestralidade”, “gênero” e “raça”. Esses foram trabalhados ao longo da atividade. Na execução da atividade de colagem, priorizamos agência e escrevivência. Já na apresentação de Maria para turma, baseamos-nos nos de ancestralidade, gênero e raça.

As oficinas, desde a elaboração até a execução, corroboram a relevância da universidade pública como produtora de dispositivos de democratização da ciência. Rompe-se com a concepção do espaço acadêmico como esfera separada da vida cotidiana, valorizando a universidade como lugar de reflexão e proposição de soluções para as desigualdades.

TROCANDO SABERES: PERSONAGENS NA ESCOLA, E O QUE REPRESENTOU PARTICIPAR DESSE PROJETO

A recepção na escola foi acolhedora. Tanto a direção, equipe pedagógica e os estudantes fizeram o grupo sentir-se abraçado. De imediato, nossa presença causa curiosidade. Alguns alunos aproximam-se e perguntam o que vamos fazer, em que

horário... A reação imediata dos jovens ao contato com Maria de Lourdes Vale Nascimento é a curiosidade. O que mais chamou a atenção da turma foi a participação dela na imprensa negra e o fato de ser autora de uma coluna chamada “Fala a mulher”. Ao revelarmos como Maria utilizava o jornal para denunciar as relações desiguais entre indivíduos negros e brancos no Brasil – a saber, apontando soluções para superação dessas desigualdades –, os estudantes sentiram-se tocados. A partir daí, estimulados por nossa mediação, ofereceram exemplos de como gostariam de utilizar o periódico como instrumento de protesto contra coisas que deveriam mudar tanto na escola, quanto em outras esferas.

Ponto alto da oficina foi a confecção da peça de colagem que permitiu que o Grupo PET Diversidade UFRJ interagisse de maneira mais direta com os estudantes. Perguntamos, por exemplo, o que mais despertou o interesse na história de Maria, e quem eles gostariam de homenagear. Nesse ponto, sinalizamos que fez toda a diferença o trabalho da coordenação pedagógica representada pela professora mestra Claudielle Pavão, caracterizado por acolher os alunos. Durante a produção da colagem, duas meninas escolheram homenagear Claudielle devido à relação de carinho, cuidado e responsabilidade que a doutoranda em História Social na UFRRJ mantém com as crianças.

Participar desse projeto mostrou-me que a universidade pode ocupar outro espaço dentro da sociedade brasileira. Um espaço que seja capaz de propor soluções práticas. Em conexão com as etapas anteriores de ensino, nessa experiência, o que mais chamou-me a atenção foi a curiosidade dos estudantes em relação à universidade. Nossa ida à escola é vista por eles de maneira objetiva e inteligente. Como a ida da universidade até sua escola. Essa percepção indica dois fatores: a importância da integração escola-universidade, principalmente, em instituições educativas localizadas em áreas periféricas, e o contato com estudantes e professores universitários negros.

O trabalho na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza demonstra que nossa presença é capaz de transformar ou, ao menos, permitir que outras realidades possam ser acessadas. Essa percepção estimulou-me ainda mais a defender uma universidade pública de qualidade, que permita que outros estudantes como aqueles que conheci no colégio possam acessar e construir uma nova universidade – mais centrada nas pessoas, nos dilemas vivenciados pelos indivíduos e menos no enriquecimento de currículos *Lattes*.

Ficha de planejamento da Oficina Maria de Lourdes Vale Nascimento: Muitas Marias.

Objetivos gerais: Apresentar Maria de Lourdes Vale Nascimento, apontando sua importância e contribuição na luta por direitos e melhores condições para a população negra, e estimulando a turma a produzir conhecimento sobre si mesma	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Conhecer a história de Maria de Lourdes Vale do Nascimento Relacionar mulheres negras e trabalho intelectual Associar a trajetória de Maria Nascimento às de mulheres próximas (mães, avós, irmãs, vizinhas, professoras etc.)
CONTEÚDOS / CONCEITOS	Agência, escrivência, ancestralidade, raça e gênero
PROCEDIMENTOS DIDÁTICO	Apresentação: quem é Maria Nascimento? Roda de conversa: sobre a trajetória da Maria Nascimento, instigando a relação entre a personagem e as mães dos estudantes Produção de colagens: com base na apresentação e na associação da Maria Nascimento com a experiência de cada estudante
RECURSOS UTILIZADOS	Revistas, jornais e panfletos Tesoura sem ponta, cola, lápis e caneta, papel A4
TEMPO	Uma hora

Essa ficha de planejamento foi feita durante a realização do II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição, Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais, em 24 de setembro de 2018.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W.; FRAGA FILHO, W. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2019.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 08 dez. 2019.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na Cultura Brasileira. In: SILVA, L. A. M. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, cap. 3, 1983 (Ciências Sociais Hoje, 2).

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JESUS, C. M. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

WEST, C. (1985). The dilemma of the black intellectual. In: _____. *The Cornel West reader*. Nova Iorque: Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315.

XAVIER, G. “Fala a mulher” ou a mulher também fala? Maria de Lurdes Vale Nascimento e as articulações entre gênero, raça e classe no jornal O Quilombo (Rio de Janeiro, 1948-1950). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., Curitiba, 2015. *Anais...* Curitiba, 2015. Disponível em: <http://www.escravidaoe-liberdade.com.br/congresso/index.php/E-X/7/paper/viewFile/211/90>. Acesso em: 01 jul. 2018.

CAPÍTULO 4

EDUARDO DAS NEVES, KEVIN O CHRIS E A MÚSICA COMO PRODUÇÃO CRIATIVA DE NOVAS NARRATIVAS



Nayara Cristina dos Santos, estudante do curso de licenciatura em História (IH/UFRJ), bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.
Fotógrafo: Jéferson Vasconcelos.

CIENTISTA NA PRIMEIRA PESSOA: A PERSPECTIVA DE UMA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA PLENA

Sou Nayara Cristina dos Santos. Tenho 26 anos, sou paulista, filha da Conceição e irmã do Marcus. Mudei-me para o Rio de Janeiro no segundo semestre de 2014, para ingressar no curso de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A mudança de estado foi decorrente do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), da ampliação da política de cotas nas universidades federais do país e da ausência desse tipo de política, até então, na Universidade de São Paulo.

Por ser oriunda de escola pública estadual, e conciliar todo o ensino médio com o trabalho formal, precisei ingressar em pré-vestibulares após a conclusão dos estudos. Ao todo, foram três anos e meio de cursinho pré-vestibular, em diferentes instituições de ensino, concomitantemente a oito horas diárias de trabalho, para que, enfim, alcançasse as notas necessárias no vestibular. Meu objetivo sempre foi mudar para outro estado. A meta era poder viver plenamente o ensino superior, o que não foi possível no ensino médio, em função da necessidade de trabalhar. A primeira opção era a Bahia, que acabou sendo trocada pelo Rio por causa da menor distância, do valor da passagem e por ter dois amigos que já haviam feito esse percurso, que até aquele período vinha dando certo.

Ingressei no Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ em dezembro de 2014, ainda no primeiro período da faculdade. A tutoria do grupo era feita pelo professor e doutor Amílcar Araújo Pereira. Sob sua coordenação, ao longo do ano de 2015, realizamos entrevistas com professores da rede pública de ensino do estado do Rio, a fim de verificar o processo de implementação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no ensino básico. No fim desse mesmo ano, a tutoria foi assumida pela professora doutora Giovana Xavier. Entre 2016 e 2017, realizamos diversas atividades que nos conectaram ao público externo ao grupo de pesquisa, e, muitas vezes, ao público externo à universidade.

Juntamente com essas atividades, realizamos leituras de diversos autores, em sua imensa maioria negros. Vez ou outra, lemos os clássicos da historiografia e sociologia brasileira, sempre a fim de compreender as formas como as políticas do pós-abolição brasileiro e as pautas dos movimentos negros impactaram na experiência temporal. Por meio desses autores, debatemos temas como o acesso à universidade, políticas afirmativas, projetos políticos, planos e programas de extensão. Estivemos sempre em busca de formas de compreender e conectar os saberes debatidos dentro do ambiente acadêmico ao público externo, sobretudo em áreas de maior vulnerabilidade social.

O Programa de Educação Tutorial Diversidade UFRJ tem como enfoque estudantes de origem popular (Euop), e isso traz aspectos similares ao grupo de bolsistas, que, do mesmo modo que possui similaridades também é marcado pela diversidade e riqueza de histórias individuais. Em momentos distintos, o grupo contou com a participação de estudantes de São Paulo, Bahia, Paraíba, Pará, Minas Gerais, além de lugares diversos do estado do Rio, como a Região Metropolitana e a Baixada Fluminense.

DESCOBERTA E RELAÇÃO COM O PERSONAGEM

Tive acesso a Eduardo das Neves no mesmo dia em que os demais bolsistas do grupo acessaram seus próprios personagens. Foi durante uma atividade proposta pela tutora. Então, tivemos de observar diversas imagens sobre a mesa. Depois tomamos conhecimento de que se tratava do conjunto de pessoas a serem biografadas no projeto Personagens do Pós-Abolição, financiado pelo Edital Memórias Brasileiras Biografias da Capes.

À época, o trabalho de escolha dos personagens foi feito em duplas e trios. Minha companheira de personagem era Paloma Nepomuceno, bolsista recém-ingressa no programa. Um dos comandos da atividade era imaginar, pela roupa e postura indicada nas imagens, qual a profissão do personagem escolhido. Se não me engano, Eduardo vestia uma cartola e um *smoking*.

Imaginei que pudesse ser algum artista ligado à música clássica. Paloma sugeriu que ele fosse um palhaço, o que não me ocorreu, provavelmente pelas construções e leituras engessadas que temos de determinados períodos. Não me passou pela cabeça, em hipótese nenhuma, que um homem negro, de pele escura e presença marcante, no contexto de pós-abolição, pudesse ser um palhaço.

PROCESSO CRIATIVO: TRANSFORMANDO CONCEITOS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS

Para que as informações e dados colhidos sobre os biografados transformassem-se em oficinas foram necessárias semanas de atividades e lapidação das propostas e conceitos. Passamos, a princípio, por um minicurso que abrangia tanto uma bibliografia básica sobre pós-abolição, quanto os primeiros artigos sobre cada personagens. A ideia da tutora que ministrou o I Curso em Ensino de História do Pós-Abolição era oferecer subsídios para termos mais domínio sobre o conteúdo trabalhado.

Esse minicurso fez-se necessário porque o grupo contava com bolsistas de áreas diversas do conhecimento, desta forma, funcionando como parâmetro básico de conhecimento acerca do período histórico trabalhado.

Após o curso, começamos a pensar, trabalhando mais diretamente com as duplas/trios de bolsistas e, em seguida,

compartilhando e colhendo sugestões de todo o grupo, e sobre como aspectos da vida e consciência político-racial-social dos entrevistados poderiam ser trabalhados dentro de sala de aula. Dentre as diretrizes, estava a articulação passado-presente, como forma de estabelecer identificação e conexão entre estudantes do ensino básico e personagens biografados.

Minha oficina trazia como questão inicial o conceito de “pós-abolição”, sugerindo que os estudantes compartilhassem com os mediadores o que entendiam por aquelas palavras. A partir daí, em conjunto, criamos na lousa um mapa conceitual para retomar os principais eventos do período: escravização, movimento abolicionista, Lei do Ventre Livre, desenvolvimento industrial, abolição, Lei Áurea, proclamação da República, imigração europeia, dentre outros. Logo após, foram apresentadas algumas imagens do período, colhidas por meio de pesquisa. O objetivo era que os documentos visuais ilustrassem um pouco das transformações sofridas na cidade do Rio de Janeiro, lugar de residência de Eduardo das Neves, e apresentasse uma perspectiva mais palpável da história que estava sendo contada.

No *slide* seguinte foi apresentada a data de nascimento e morte de Eduardo das Neves (1874-1919), já delimitada de alguma forma pelo mapa conceitual criado anteriormente. Foram também exibidas as diversas atividades exercidas pelo músico.

Artista negro mais popular do início do século XX, palhaço de circo, poeta, compositor, cantor. Dentro disso, mencionamos alguns dos ritmos cantados por Neves – canções, chulas, lundus, modinhas – e o fato de ter visitado diversos estados brasileiros, levando sua arte, sendo muito querido e ovacionado pelo povo. Nesse momento, apresentamos também a letra e áudio da canção feita em homenagem a Santos Dumont, em 1902.¹

A apresentação do áudio foi importante para que, além de ouvir falar do músico, os estudantes pudessem ter contato real com suas composições, voz e energia. É nesse instante também que apresentamos o outro nome pelo qual Eduardo autointitulava-se: “Crioulo Dudu”.

Em um contexto no qual o imaginário em torno do termo crioulo é completamente negativo, o cantor assim se auto-declarava, desenvolvendo uma estratégia de afirmação positiva via ressignificação do termo.

Após uma breve passagem pela forma como se organizava a carreira no ramo da música no início do século, com ênfase para o papel da indústria fonográfica, responsável por contratar, agendar e pagar os shows de diversos artistas, foi feita a reflexão coletiva de como Eduardo das Neves era um homem conectado

1 NEVES, E. *A conquista do ar*. 1902.

aos acontecimentos de seu próprio tempo, e como a escolha por narrar, em primeira pessoa, eventos importantes de sua época indica um entendimento político de seu lugar de artista e seu papel na sociedade.

Em contraposição à indústria fonográfica mais rígida e centralizada, apresentamos o MC Kevin o Chris e sua canção “Eu Vou pro Baile da Gaiola (light)”. Nessa música, de forma vibrante e linguagem popular, o MC fala sobre a ida ao baile da Gaiola e de algumas características que marcam esse deslocamento. Ser um sábado, estar na companhia de amigos, ter dinheiro, a intenção de beber e flertar no baile, tais aspectos foram interpretados por nós, bolsistas, como uma narrativa do MC acerca da preparação para o baile, não sendo menos importante que a narrativa de Eduardo das Neves sobre o desenvolvimento e a conquista do céu pelo piloto Santos Dumont.

As duas trajetórias são comparadas e aproximadas por meio da perspectiva de que, em todo tempo, existem artistas que interpretam e narram suas experiências. Compreendendo o processo produtivo dos estudantes como parte fundamental de sua narrativa sobre o mundo e a temática trabalhada, sugerimos que os estudantes confeccionassem a capa de um CD. Em função do debate acerca da importância da automeação, no caso de Eduardo (Crioulo Dudu) e do MC Kevin o Chris, indicamos que os

estudantes criassem ou escolhessem uma forma de se autôn timer. Isso deveria ser feito de acordo com a leitura que gostariam que o mundo fizesse deles e da forma como enxergam sua própria existência. Além disso, era importante que escrevessem três linhas de uma música que os tocassem e representasse uma narrativa de contextos que lhes são familiares.

EDUARDO DAS NEVES NA ESCOLA

Minha oficina desenhcou-se por intermédio da relação de Eduardo das Neves com a música e sua característica marcante de analisar e relatar eventos de seu próprio tempo, de suas crenças políticas e interpretação de mundo por meio da música. Acharmos por bem articular as canções e lundus de Eduardo com o funk, como forma de falar sobre a criminalização que as músicas produzidas por artistas negros sofreram ao longo dos anos, cada uma à sua forma, e como essa opressão materializa-se ainda hoje pela criminalização do funk.

O funk foi utilizado como ponto de debate por poder ser reconhecido como uma produção criativa, apesar dos contextos de vulnerabilidade e escassez ao qual está inserido muitas vezes. Em suma, tornar Eduardo das Neves um referencial para estudantes do ensino básico, seja por meio das suas diversas profissões, da sua postura imponente ou da escolha por narrar e

impetrar o mundo, é uma possibilidade de transformar as narrativas hegemônicas de escassez e miséria acerca do pós-abolição.

O QUE REPRESENTOU PARA MIM PARTICIPAR DESSE PROJETO

A participação no Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ, com sua perspectiva racializada, projeto político norteado pela proposta de “*Ciência para o negro*”, de autoria de Eduardo Oliveira e Oliveira², e seu enfoque na formação de jovens estudantes negros, é um diferencial dentro da universidade pública. Em especial, no que tange à vivência plena desse espaço como lugar de formação e canal de interlocução com experiência periféricas e externas ao ambiente acadêmico.

A participação no projeto Personagens do Pós-Abolição, o conhecimento mais aprofundado sobre os biografados e a possibilidade de trabalho com oficinas na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza – escola pública circundada por uma atmosfera de instabilidade, violência, mas também de potência – evidencia a capacidade de cumprimento de novas perspectivas da História e também de universidade pública. Foi importante

2 OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

perceber um espaço que é também de vulnerabilidade como lugar de potência e compartilhamento de saberes entre estudantes, universitários, docentes e todos aqueles que se propõem a praticar uma educação emancipatória.

Oficina Eduardo das Neves, Kevin o Chris e a Música Negra na
Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, em 13 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Oficina Eduardo das Neves, Kevin o Chris e a Música Negra na
Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, em 13 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Ficha de Planejamento da Oficina Eduardo das Neves, Kevin o Chris e a Música Negra.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Conhecer o conceito de pós-abolição Identificar o pós-abolição como um processo em curso, que se relaciona com o presente Conhecer aspectos da biografia de Eduardo das Neves, como o fato de ter trabalhado no Corpo de Bombeiros e ser compositor Identificar a atuação de Eduardo das Neves como retrato de sua realidade e aspecto de resistência cultural
CONTEÚDOS / CONCEITOS	Apresentação de dados do contexto histórico, no qual Eduardo se insere: Rio de Janeiro da virada do século; capital da República, indústria fonográfica, Lei da Vadiagem Produção musical como trabalho Conceitos Pós-abolição Música negra Resistência cultural A. Automeação B. Criminalização do funk

PROCEDIMENTOS DIDÁTICO	Apresentação Questionamento sobre o que os estudantes pensam quando escutam o termo pós-abolição Apresentação de um mapa conceitual na lousa (esperamos e induziremos às seguintes indicações: Lei Áurea, Proclamação da República, Imigração Europeia, Lei do Ventre Livre, Movimento Abolicionista, Desenvolvimento da Indústria) Explicação de aspectos gerais dos termos citados Apresentação de Eduardo como alguém inserido dentro desse contexto e que, além do trabalho formal, trabalha com música e retrata por meio dela aspectos de sua realidade Indicar a autonegação de Eduardo como “Crioulo Dudu” Escutar uma das músicas de Eduardo Solicitar que confeccionem a capa de um CD que contenha seu nome artístico ou a forma que gostaria de se autonegar
RECURSOS UTILIZADOS	Audiovisuais <i>Data show</i> Caixa de som <i>Notebook</i> Apresentação de uma das músicas gravadas por Eduardo das Neves Produção artística 25 pedaços de cartolinas nas cores azul, amarela e verde cortados no tamanho de uma capa de CD 2 caixas de canetinhas coloridas 30 pedaços de papel-cartão colorido, cortados no tamanho de uma capa de CD 3 bastões de cola 5 tesouras sem ponta 2 caixas de lápis de cor 2 caixas de giz da marca Pintkor (para pele negra) 3 régua de 30 cm 5 revistas de teor variado, caso os estudantes queiram fazer uma capa com colagens
TEMPO	Duas horas

Ficha de planejamento da Oficina Experimento Espelhado feita durante a realização do II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição, Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais, em 24 de setembro de 2018.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. O “crioulo Dudu”: participação política e identidade negra nas histórias de um músico cantor (1890-1920). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 92-113, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v11n20/2237-101X-topoi-11-20-00092.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2018.

ALBUQUERQUE, W; FRAGA FILHO, W. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares. 2006.

CAÇAPA. Por uma discografia nordestina: 1902-1919. *Outros Críticos*. 20 abr. 2017. Disponível em: <https://outroscriticos.com/por-uma-discografia-nordestina-1902-1919/>. Acesso em: 01 jul. 2018.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 2: no limiar de uma nova era. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

NEVES, E. *A conquista do ar*. 1902. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VLpzuc-u6hA>. Acesso em: 01 jun. 2018.

OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

_____. Etnia e compromisso cultural. In: GRUPO de Trabalho André Rebouças (org.). *II Semana de Estudos sobre o Negro na Formação Social Brasileira*. Niterói: UFF, 1977, p. 22-7.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

UOL MÚSICA. Conheça o funk rasteirinha, novo estilo que dominou as pistas. *Blog UOL Música*. 22 jan .2015. Disponível em: <https://uolmusica.blogosfera.uol.com.br/2015/01/22/conheca-o-funk-rasteirinha-novo-estilo-que-dominou-as-pistas/>. Acesso em: 19 set. 2018.

WEST, C. (1985). The dilemma of the black intellectual. In: _____. *The Cornel West reader*. Nova Iorque: Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315.

CAPÍTULO 5

#FUNKÉCLÁSSICO: SILVA, VOCÊ E EU: TRAJETÓRIA QUE ENTRELAÇA O POPULAR E O ERUDITO



Verônica Santos, estudante do curso de licenciatura em Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Fonte: Acervo Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Fotógrafo: Jéferson Vasconcelos.

*Se não gosta de alguma coisa, mude-a.
Se não puder mudá-la, mude a sua atitude.¹*

CIENTISTA NA PRIMEIRA PESSOA: COMO AS TRAJETÓRIAS DO PRESENTE E PASSADO SE ENTRELAÇAM

No início do texto utilizo a frase de uma intelectual negra por quem nutro uma grande admiração para narrar minha trajetória. Nascida no estado de São Paulo, migro para o Rio de Janeiro, mais especificamente, para a Baixada Fluminense, região onde estabeleço raízes no início do ensino médio com o começo do pré-vestibular comunitário, espaço que influenciou na escolha da instituição de ingresso, na atuação social em movimentos juvenis religiosos e na escolha do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Quando cheguei à UFRJ, almejava uma imersão profunda na qualificação acadêmica, e colegas de curso explicaram-me a proposta do Programa de Educação Tutorial Conexões Diversidade. Fiquei interessada pelo fato de o grupo priorizar bolsistas de origem popular. Com a gestão da professora e doutora Giovana

1 ANGELOU, M. *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*. São Paulo: Astral Cultural, 2018.

Xavier, fortaleceu-se o compromisso de formação acadêmica por meio de referenciais científicos de intelectuais negros possibilitando-nos reflexões sobre os conteúdos.

No projeto Personagens do Pós-Abolição, tive a possibilidade de conhecer e aprofundar a leitura desses intelectuais negros que atuaram no século XIX, e que no decorrer da História foram ocupando espaços profissionais distintos. Dentro do projeto, produzimos, por meio dos cursos de formação, materiais imagéticos e escritos qualificados para todas as oficinas realizadas com estudantes da Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, no bairro de Costa Barros. Importante ressaltar nesse aspecto o trabalho em ensino, pesquisa e extensão desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade, no qual se destaca a parceria estabelecida pela tutora Giovana Xavier, com a referida escola. Essa relação escola-universidade promove uma conexão direta com a educação básica, permitindo que a universidade esteja na comunidade escolar. Considerando a importância de produzir saberes que gerem identificação e empatia com os estudantes, nas discussões que tivemos com a professora, refletimos sobre o processo de invisibilidade dos personagens negros na história do Brasil e a importância de elaborar materiais didáticos representativos do contexto específico da escola em que atuamos.

O primeiro impacto foi compreender que a maior parte dos biografados não tinha conhecimento da existência da linha do tempo na história, o que me causou um impacto significativo. Ao começar a fazer a imersão no personagem, descobri que, além de termos o sobrenome Silva em comum, nossas trajetórias de vida se entrelaçam devido às barreiras de classe, raça e gênero que localizam o sujeito negro em lugar de subalternidade. Uma estudante de graduação cotista, mulher de sobrenome semelhante, enreda uma série de relações com o personagem Paulo Silva, um negro nascido no Rio de Janeiro, com trajetória diferente, mas com similaridade nos lugares improváveis que vamos alcançando no decorrer da vida. Desde criança, a formação dele foi direcionada a outros ofícios, porém, em segundo momento, tal formação passou a ser dedicação à música, e construiu, apesar dos desafios e entraves, uma história de conquistas como tornar-se o primeiro professor negro de Música na universidade do Brasil.

A DESCOBERTA DO PERSONAGEM: TRANSFORMAR O ERUDITO ACADÊMICO EM SÓ MAIS UM SILVA

Com base nos dois cursos de formação, foi possível tecer novas formas de produzir linguagens que gerassem afeto entre o grupo de bolsistas e as turmas com os quais realizamos as oficinas. Apresentar para estudantes da educação básica a história

de Paulo Silva foi uma experiência muito engrandecedora para minha formação docente.

A educação pode representar um lugar transformador na vida de cada estudante. Diante dessa percepção, mobilizei o conceito do antirracismo, que trouxe à tona novos métodos didáticos relacionados à valorização da multiplicidade de conhecimentos construídos dentro e fora da escola. Destaque, nesse sentido, para a possibilidade de problematizar as oposições e hierarquias entre popular e erudito, naturalizadas para classificar estilos musicais.

A preocupação em buscar um vocabulário que pudesse interligar a educação básica e acadêmica dentro de uma perspectiva igualitária, criando uma troca de saberes, e não uma imposição aumentou a compreensão do meu papel em sala de aula. Mostrar aos estudantes que existem discursos e práticas que marginalizam o funk foi uma chave importante para discutir o cotidiano da população negra e as injustiças produzidas ao longo da História. Assim, foi possível debater processos de marginalização e criminalização de jovens favelados, que poderiam – por meio de leituras que valorizam suas práticas culturais – projetar novas possibilidades de existência. Trago esse aspecto para evidenciar os “atravessamentos” com que muitos jovens precisam lidar no cotidiano, e a relevância de buscar uma mediação didática que potencializasse a ocupação de outros lugares, como Paulo Silva fez.

E mesmo eu, com minha própria trajetória, que saí das estatísticas de violência para as da educação no ensino superior.

O terceiro momento – de utilização da linha do tempo interativa para contar a história de Paulo Silva – possibilitou uma interação maior com o personagem. Trazer, no fim, a reflexão de que foi possível que um homem negro da classe trabalhadora ocupasse, produzisse e atuasse numa perspectiva erudita formal, dentro do espaço acadêmico, foi motivador para todos os participantes. Para valorizar as dimensões passado-presente da história, utilizei como exemplo MC Livinho, músico que produz funk com instrumentos clássicos com objetivo de demonstrar para a turma os diversos sentidos de arte, musicalidade e política.

Para fins de síntese, vale ressaltar que a oficina reservou tempo para apresentação dos estudantes, indicando seus lugares de origem para que, com isso, percebessem a importância de contar suas histórias. No segundo momento, houve a apresentação do personagem com a foto de Paulo Silva contando brevemente sua história e dimensionando a relevância de produzir biografias de personagens do período pós-abolição. Concluir com essa conexão passado-presente, levando em consideração que MC Livinho estudou na Escola de Música Villa-Lobos, na qual Paulo Silva atuou como professor, foi marcante.

PROCESSO CRIATIVO: OS IMPACTOS DA OFICINA NA ESCOLA

Ocupar o ambiente escolar por meio do projeto conferiu visibilidade à história desse importante intelectual negro, representando a materialização de uma proposta de descolonização do pensamento e também de fortalecimento da Lei 10.639/03.

A experiência nas oficinas traz sempre muita reflexão sobre a postura como docente, a mediação do conteúdo, as relações construídas com educandos, o papel da avaliação da produção desenvolvida na sala de aula e das trocas estabelecidas com bolsistas como formas de produção de conhecimento e fortalecimento de nossa identidade profissional.

Delimitando em particular a vivência da oficina com Paulo Silva levar o “Rap do Silva”, comparando-o à música clássica, trouxe aos educandos a reflexão sobre o lugar de pessoas negras na história do Brasil. A turma deixou evidente suas percepções sobre assimetrias raciais. Assim, trazer outra representação por meio das imagens, posicionando Paulo Silva como músico erudito, propiciou a construção de novas narrativas sobre afirmação e negritude.

Foi muito preciosa a participação de cada um nesse processo. Busquei priorizar a escuta de todos os adolescentes. O grupo interagiu com a história e a linha do tempo de maneira superengajada, que era minha intenção no processo da construção

da oficina. Esses educandos nos acolheram em sua escola, estabelecendo um espaço de diálogo com um novo personagem em suas vidas. Para isso, a utilização de música como recurso pedagógico para afetar sentidos e conquistar atenção foi fundamental. Lindo, ver e ouvir a turma cantar com alegria o “Rap do Silva”. De maneira única, suas histórias foram contadas e reconhecidas como importantes.

Oficina Era Só Mais um Silva na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza,
em 12 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Oficina Era Só Mais um Silva na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza,
em 12 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os personagens biografados têm trajetórias diversas que se conectam pelas opressões raciais e também pelo investimento em formas de se reinventar. Essa percepção só é possível agora porque assumimos o compromisso de uma educação antirracista, calcada no reconhecimento do protagonismo de pessoas negras no Brasil Republicano.

Ficha de planejamento da Oficina Era Só Mais um Silva

Objetivos gerais: Apresentar a biografia de Paulo Silva e conceituar racismo e antirracismo como base nos saberes adquiridos e nas experiências da turma	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Conhecer vida e obra de Paulo Silva Identificar a música como produto cultural e histórico Resgatar a memória (de quê?) Relacionar a música clássica erudita com a música popular
CONTEÚDOS / CONCEITOS	Raça Gênero musical Ponto de vista Escrevivência Racismo Antirracismo
PROCEDIMENTOS DIDÁTICO	Apresentar o “Rap do Silva”, a melodia do maestro Paulo e Silva e o MC Livinho Realização de debate sobre musicistas negros na indústria fonográfica, estratificação social, senso comum e pluralidade de gêneros musicais, assim como as diferentes formas de uso da música como instrumento de combate ao racismo Apresentação da biografia de Paulo Silva. Produção interativa, linha do tempo Organizar alunos em grupos e solicitar que produzam frases, a partir de palavras selecionadas da trajetória do maestro e do Rap do Silva Apresentação das frases produzidas pelos alunos em roda de conversa com a melodia do maestro Paulo e Silva
RECURSOS UTILIZADOS	Tecido para linha do tempo e <i>spray</i>-tinta grafite Folhas de papel, cartolina, caneta colorida, lápis e borracha
TEMPO	Uma hora e 30 minutos

Ficha de planejamento da Oficina Era Só Mais um Silva, feita durante a realização do II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição, Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais, em 24 de setembro de 2018.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, W.; FRAGA FILHO, W. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2018.
- ANGELOU, M. *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*. São Paulo: Astral Cultural, 2018.
- HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.
- OLIVEIRA, E. R. *Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual: considerações do processo de constituir-se negro-intelectual*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – UFSCar, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2340/5906.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- PEREIRA, A. A. Era só mais um Silva que a estrela não brilha? Paulo Silva e as relações raciais no Brasil. In: D’ADESKY, J.; SOUZA, M. T. (org.). *Afro-Brasil: debates e pensamentos*, v. 1. Rio de Janeiro: Cassará, 2015, p. 236-264.
- TRINDADE, A. L. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, A. P. (coord.). *Saberes e fazeres: modos de ver*, v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.
- XAVIER, G. (org.). *Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas*. Belo Horizonte: Fino Traço; Cachoeira: UFRB, 2016.

CAPÍTULO 6

#SEM FILTRO: O OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DA OFICINA JULIANO MOREIRA



Stéphanie Marçal Sabino, estudante do curso de Letras, bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ entre 2017 e 2019.
Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.¹

CIENTISTA NA PRIMEIRA PESSOA: AUTONOMEAÇÃO E TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Quando ganhei meu primeiro caderno sem pauta, há pouco tempo, vi-me pela primeira vez na vida capaz de escrever fora de uma lógica cartesiana e normativa. Corajosamente, enfrentei-o ao me jogar sobre aquelas páginas, encantando-me com as incontáveis possibilidades que eu tinha de ser. No momento em que me deparei com folhas sem linhas, ao mesmo tempo, questionei e desafiei-me a fazer algo completamente inédito.

Estava acostumada a produzir minha vida inteira, somente a partir de um comando, de um enunciado ou de uma expectativa. Mesmo quando mais nova, ganhei um diário de uma velha amiga da minha avó. Sabia que, naquela época, havia a espera

1 GONZÁLEZ, L. Epígrafe de abertura do texto "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 225.

de que algo relacionado a paixões e desilusões fosse escrito naquelas róseas páginas cheias de desenhos de flores e corações. Havia sempre um invisível, porém, pesado manto de expectativas sobre mim. Até mesmo minha escrita era conformada dentro de um lugar predeterminado socialmente.

Com isso, cresci presa dentro de uma liberdade cantada e louvada nos jornais, na televisão, no rádio, posteriormente, nos celulares e nos computadores. Era essa tal chamada liberdade de expressão, que nunca entendi muito bem o que é ou se é real. Nunca entendi, porque não a tive, e os meus irmãos também não. Nem minha mãe, meu pai, minha avó, minhas tias e primos. Resumindo: nunca tinha visto preto nenhum falar sobre liberdade. É importante ressaltar, mesmo já sendo assunto batido para alguns, que esse conceito não sobe morro. E nunca bateu à minha porta. Quem invadiu minha porta não foi a liberdade, mas o estrondo ensurdecedor do medo.

É por meio deste texto-memória que enfrento a paralisia provocada pelos meus medos e me autoneomeio neste trabalho. O nome escolhido e dado a mim por minha mãe, Elizabeth Pereira Marçal, e por meu pai, Romildo Procópio Sabino, foi Stéphane Marçal Sabino. Nascida e criada no Morro do Borel, no bairro da Tijuca, sou a irmã mais nova de cinco filhos por parte de pai. E neta de Maria do Carmo Marçal, minha avó materna,

frequentemente presente nas minhas falas dentro e fora da academia, por ter sido a primeira mulher negra a me ensinar que, para o nosso povo, viver é reexistir cotidianamente.

Compreender o sentido de reexistir como o ato de tornar a existir – a partir de algum processo de morte, seja ele físico ou não – significou inscrever, na minha trajetória pessoal de construção de identidade, o impulso de me contrapor aos parâmetros predeterminados socialmente para os corpos que se assemelham ao meu. Compreender a importância de transgredir essas expectativas é crucial quando nos propomos a refletir sobre novas epistemologias possíveis. Tornar a existir pressupõe um restabelecimento, um renascimento, mas, acima de tudo, exige a capacidade de ser resistente.

Nesse sentido, quando vivencio a experiência de ser a primeira pessoa da minha família a ingressar numa universidade pública, resgato na memória as longas conversas que tive sentada ao pé de minha avó. Repletas de ensinamentos e conhecimentos estigmatizados, resisto, refletindo sobre como não abandoná-los, e substituí-los por dialéticas e conceitos que fundamentam teorias alvas e abstratas.

Quando me torno graduanda de Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, resisto, resgato e conto na ponta dos dedos todas as vezes que a vi escrever num

caderno velho algumas poucas palavras, das quais se orgulhava de conseguir registrar, mesmo com uma lembrança remota, de uma passagem curta e interrompida na educação básica. E revivo a atenção que tinha ao vê-la se esforçar para me ensinar as regras básicas da gramática de uma língua portuguesa que carrega as marcas de línguas distantes das Áfricas dos nossos ancestrais.

Assim, no momento em que inicio a minha trajetória de estudante-bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ, alcanço um novo espaço acadêmico. Tenho a percepção de que estar em um grupo de pesquisa, composto apenas por graduandos negros nos desafia a produzir novos conhecimentos científicos a partir de referenciais antes completamente ignorados: os nossos próprios.

Produzir ciência partindo de novas bases teóricas, frequentemente invisibilizadas nos meios acadêmicos, representa produzir outro tipo de linguagem. Significa utilizar o poder da palavra para reexistir através do lugar de sujeito das nossas próprias narrativas. Tornar-se sujeito significa se apoderar do instrumento da palavra. Decidi tornar-me sujeito ao dar ao trabalho que apresentei no I Seminário Ciência para o Negro – organizado pelo PET em outubro de 2018 – o título de *“Linguagem e Poder, a palavra como instrumento de dominação”*.

EU E JULIANO: DESCOBERTA E RELAÇÃO COM O PERSONAGEM

Diversas foram as atividades propostas e desenvolvidas pelo Grupo PET nos últimos anos, todas estas norteadas pelo eixo ensino-pesquisa-extensão, voltadas ao objetivo de promover e ampliar o debate acerca das questões étnico-raciais, com base na Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental e médio no país.

Tais atividades buscam provocar uma reflexão constante sobre o papel de pessoas negras como sujeitos históricos, constituintes e formadores da sociedade brasileira. A reconstituição de suas trajetórias oportuniza reflexões e produções de saberes acerca de suas experiências, individuais e coletivas.

Esse trabalho de realização das oficinas pedagógicas em escolas públicas liga-se também ao projeto Personagens do Pós-Abolição que tem como objetivo principal a produção, publicação e divulgação de biografias de cinco personagens importantes para a história do Brasil Republicano: Eduardo das Neves, Juliano Moreira, Paulo Silva, Maria do Vale do Nascimento e João Cândido.

Durante a realização do curso de Formação em História e Historiografia do Pós-Abolição, ministrado pela mestrandia

Pâmela Carvalho e organizado em conjunto com a professora doutora Giovana Xavier, para o grupo de bolsistas do PET Diversidade, pudemos discutir mais a fundo aspectos do trabalho que desenvolveríamos na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza. A narrativa do encontro do presente com o passado, conectando a minha experiência no mundo com a do intelectual com quem me deparei, é tão poética quanto o trabalho de transformar teoria em prática, proporcionado por uma metodologia transgressora e provocadora. As semelhanças e diferenças entre bolsistas e biografados tornaram-se gatilhos disparadores para o processo criativo que viria a se concretizar no curso de formação.

Meu primeiro encontro com Juliano Moreira foi de muita observação e silêncio. Observar seu rosto firme, de feições fortes, com a pele escura que se assemelha à minha, causou-me muita inquietação. Não saber responder a pergunta feita sobre qual seria sua profissão me fazia entrar em confronto comigo mesma. Seu retrato desenhava um senhor de cabelos já embranquecidos, de porte e postura que denunciavam, com o terno que servia de vestimenta, uma provável ocupação de alto encargo social para a época. Pressupus alguma profissão dentro do sistema judiciário, e acredito que por influência do prestígio que tais profissões recebem, mas não imaginei que Juliano ocupara um cargo de grande magnitude tão jovem.

Ingressando na Faculdade de Medicina da Bahia aos 14 anos, Juliano, que viria a ser reconhecido como o Pai da Psiquiatria no Brasil, lutou a vida inteira contra o projeto eugenista, que buscava associar doenças mentais à miscigenação no país. Durante sua direção no então chamado Hospital dos Alienados, no Rio de Janeiro, ele conseguiu garantir a abolição da camisa de força e das grades nos quartos, além de ocupar cargos e receber diversos prêmios durante sua trajetória, tendo deixado como legado a Colônia Juliano Moreira, no bairro de Jacarepaguá.

Pesquisar a trajetória desse intelectual negro do pós-abolição, reconhecendo lucidamente as oportunidades ímpares recebidas, garantiu a construção de uma relação de admiração pelos seus feitos e conquistas. Encarar o processo criativo a partir desse momento exigiria minimamente respeitar a grandiosidade das suas ações em vida e seus imensuráveis impactos.

IDEIA DE CRIAÇÃO: COMO TRANSFORMAR CONCEITOS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS

Ao longo dos anos de estudo no Grupo PET Diversidade UFRJ, diversos conceitos foram apresentados por meio de leituras e debates. Alguns desses conceitos foram escolhidos como mote de orientação aos planejamentos das oficinas com os personagens do pós-abolição, como descolonização, história única

e antirracismo. Em relação à minha oficina (Juliano Moreira), seria preciso pensar uma metodologia que tivesse como questão norteadora a discussão sobre o conceito de história única.² E, como visto anteriormente, não seria tão difícil discutir com os estudantes, a partir da biografia de Juliano, sobre o perigo da existência de uma única história sobre nós, como sujeitos.

Juliano Moreira acabaria representando uma exceção de destaque na história brasileira. O desafio encontrava-se, portanto, no distanciamento da ideia de que essa trajetória de sucesso colocava fim ao racismo, já que, na verdade, precisaria conscientizar os estudantes – em sua maioria pretos e favelados – sobre suas capacidades e luta para garantia de oportunidades. A oficina foi sendo construída nesse movimento de fortalecimento e resgate da autoestima, associada tanto às próprias conquistas, quanto às das pessoas mais importantes do cotidiano dos estudantes.

Atravessar a barreira nomeada “história única” por Chimamanda Adichie concretizou-se como instigante desafio vivido pelos jovens negros que ingressaram no espaço acadêmico. Ao buscarmos resolver a questão, necessitamos refletir sobre como o significado do conceito “Ciência para o Negro”, do sociólogo

2 Conceito debatido pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie, em sua palestra “O Perigo da História Única”; cf. ADICHIE, C. O perigo da história única. *TEDGlobal*. 2009.

Eduardo de Oliveira e Oliveira (e que está intimamente relacionado ao trabalho do Grupo PET), contribui para refletirmos sobre a importância de desenvolver métodos, conceitos e ferramentas de análise com base em nossas experiências:

As teorias sobre economia, educação, personalidade, possivelmente não podem ser as mesmas para a gente negra e a gente branca. O branco brasileiro nunca foi escravo. As teorias aplicáveis e seus modelos devem ser aqueles derivados das experiências dos negros, como elas são percebidas e reagidas pelos negros.³

Aprofundando ainda mais a discussão, é necessário refletir sobre o que seria essa nova concepção de ciência, produzida por um sujeito acadêmico negro e que visa, para além da objetificação científica sofrida e registrada desde os primórdios da colonização, posicionar pessoas negras como sujeitos políticos. Faz-se necessário refletir sobre como poderia ser compreendida essa nova concepção de ciência, que se constrói a partir de novas epistemes e referenciais teóricos. Entretanto, mantém-se inserida dentro de um espaço pensado, projetado e gerenciado pelo sujeito branco desde sua fundação até os dias atuais: a academia.

Sob essa perspectiva, a inserção de um grupo de estudantes universitários negros e periféricos numa escola municipal

3 OLIVEIRA, E. O. De uma ciência "para" e não tanto "sobre" o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

localizada no Complexo da Pedreira, por si só, já representa uma concretização da “ciência para o negro”. A Oficina Juliano Moreira, junto às outras, reafirmou o propósito de unir as teorias debatidas na academia com a prática educativa na sala de aula. A prática garantiria esperança e fortalecimento ao grupo de uma forma inimaginável; trazendo sentido e corpo à pesquisa ativista defendida pelo grupo.

PERSONAGENS NA ESCOLA: PRÁTICA E IMPACTOS

Qualquer pessoa que conheça a vida de Juliano Moreira surpreende-se com a quantidade de realizações alcançadas à época. O impacto é certo com a precocidade das suas titulações acadêmicas e com a quantidade de legados deixados na área da psiquiatria. A figura quase que heróica desse homem preto foi retratada de forma bastante positiva na oficina ministrada na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza.

Rejeitando a romantização da ideia de herói, nesse caso, a identificação de Juliano como ícone passou pelo reconhecimento da sua importância para a história da medicina brasileira, buscando aproximá-las das histórias de pessoas importantes na vida dos estudantes. Seria preciso realizar o exercício de narrar em primeira pessoa sua impressão de um/uma herói/heroína que fosse muito importante para si.

Foi possível identificar diversos acertos na oficina, mas nenhum foi tão impactante quanto o momento final de produção textual. Ele iniciou-se com a identificação dos heróis escolhidos individualmente. Nesse instante, os diferentes talentos dos estudantes se destacaram. Os desenhos repletos de detalhes, a escrita poética, o dobrar criativo da folha A4 e tantos outros. No fim, aqueles mais extrovertidos sentiam vontade de ler o livreto produzido para a turma ou insistiam para que eu lesse, em voz alta ou em silêncio. Independentemente da direção, todos alcançavam um sentimento de afeto ao conseguir, no término, associar as características de ser forte, resistente, veloz, gigante e outros com os familiares ou amigos mais queridos. Foram produzidos muitos livretos sobre as mães e a importância delas para suas vidas.

Oficina Juliano Moreira na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza,
em 12 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Oficina Juliano Moreira na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza,
em 12 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

ATRAVÉS DO MEU OLHAR: O QUE REPRESENTOU PARA MIM PARTICIPAR DESSE PROJETO?

Resgatar minha esperança na vida. Na educação. É preciso dizer que é por um ato político inscrito na minha própria palavra carregada de resistência, num movimento de emancipação, que eu escrevo e pesquiso. É por parágrafos de vida, por metrificação de corporeidade preta que estilhaça a máscara do silêncio que amordaça meu corpo negro diariamente. É por vida que eu pesquiso e escrevo, a partir de mim. É pela minha vida e por todas que eu perco a cada 23 minutos no Brasil, que eu persisto e insisto em continuar. Mesmo quando o mundo insiste em me fazer sangrar com uma bala nas costas na Kombi no Alemão, voltando da escola, ou mesmo quando me faz ficar sem ar, encurralada e pisoteada

num beco depois do baile em Paraisópolis, junto com mais oito crianças e jovens. Logo depois de eu ter recebido uma bala no peito no ponto de ônibus quando eu estava indo para a escola, no Borel. Balas que acompanharam o caminho de tantas outras e atravessaram os corpos de tantos outros. Pretos. Outros pretos.

Sempre pretos. Caminhos achados, corpos achados, com balas que não podem ser perdidas, pois encontram diariamente meu corpo. Palavras violentas, que apertam gatilhos e insistem em querer me matar mesmo depois de já terem me tirado a vida. Mas eu não canso, mesmo enfraquecendo, eu continuo. Por eles e por mim.

Oficina Juliano Moreira na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza,
em 12 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Ficha de planejamento de oficina Heróis #semfiltro: nossos heróis do dia a dia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Contextualizar historicamente a trajetória de Juliano Moreira Relacionar a biografia de Juliano Moreira com o conceito de história única Comparar a trajetória de Juliano Moreira com a representação de herói Reconhecer em pessoas do seu meio social e de convívio características de heróis e heroínas Conceituar “Escrevivência”
CONTEÚDOS / CONCEITOS	Conteúdos Quem foi Juliano Moreira? Contexto histórico: Lei do Ventre Livre (1871) - Salvador e Rio de Janeiro (séc. XIX-XX) A importância de Juliano Moreira para a Psiquiatria Conceitos Pós-abolição História única Escrevivência
PROCEDIMENTOS DIDÁTICO	Breve apresentação das ministrantes (5 min.) Apresentação oral sobre Juliano Moreira contextualizando-o historicamente, utilizando slides em <i>data show</i>; relacionar a trajetória de Juliano Moreira a um herói, apresentando características de heróis que percebemos no biografado e alcançando outras perspectivas da ideia de heróis e heroínas (25 min.) Atividade de produção textual: pediremos aos estudantes que relacionem as características de heróis discutidas com pessoas do seu convívio pessoal (quem são os seus heróis?/de onde vêm os seus heróis?). A fim de que cada estudante construa uma narrativa sobre um herói ou heroína, apresentaremos questões disparadoras envolvendo a definição de herói discutida, como “O que o seu herói faz?” Por fim, a partir das produções apresentadas, reuniremos todas as escritas dos estudantes em um livreto (folhas A4 dobradas ao meio) (25 min.)

RECURSOS UTILIZADOS	1 pacote de lápis preto 2 canetas-piloto (1 preta e 1 azul) 1 pacote de folhas brancas A4 ou ofício Recursos audiovisuais (<i>notebook</i> ou computador e <i>data show</i>)
TEMPO	Uma hora

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. O perigo da história única. *TEDGlobal*. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 07 dez. 2019.

ALCOFF, L. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00129.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ALELUIA, R. Minha história em saúde mental. In: WERNECK, J.; MENDONÇA, M.; WHITE, E. (orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006. p. 167-175.

EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org). *Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16-21. Disponível em: <http://nos-saescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 01 dez. 2019.

GONZÁLEZ, L. Epígrafe de abertura do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 225.

HOOKS, B. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995.

_____. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, G. *Descolonizando o conhecimento: uma palestra performance*. Palestra proferida na Mostra Internacional de Teatro, 06 mar. 2016. São Paulo: Goethe-Institut, 2016. Disponível em: <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2018.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016.

ODA, A. M. G. R; DALGALARRONDO, P. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 4, n. 22, p. 178-179, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22n4/3432.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2018.

OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

PICCINI, V. História da Psiquiatria Juliano Moreira: 1873-1933. *Portal Geledés*. 14 jul. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-da-psiquiatria-juliano-moreira-1873-1933/>. Acesso em: 01 jul. 2018.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

TRINDADE, A. L. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, A. P. (coord.). *Saberes e fazeres: modos de ver*, v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.

CAPÍTULO 7

O QUE HÁ POR TRÁS DO RETRATO?

MINHA EXPERIÊNCIA COM A AUTOIMAGEM
E A REPRESENTATIVIDADE NA SALA DE AULA



Ricardo Lage de Oliveira, estudante do curso de licenciatura em Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ entre 2017 e 2020. Atualmente Ricardo é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ).

Fonte: Acervo Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ. Fotógrafo: Jéferson Vasconcelos.

*O mar é meu amigo; toda a luz que me ilumina,
que é pouca, eu agradeço à Marinha.¹*

CIENTISTA NA PRIMEIRA PESSOA: MEU OLHAR PARA O MUNDO ACADÊMICO

Com a licença dos ancestrais, meus pais, Lucimar e Evandro, deram por me chamar de Ricardo Lage de Oliveira. Hoje tenho 31 anos, um santo forte, amigos de fato e uma pequena caixa na qual vou colecionando minhas memórias. Dentre elas, as lembranças de que percorri na minha infância becos e vielas no ambiente hostil em que cresci. Quase sempre minhas brincadeiras com os “crias” aconteciam por quarteirões e duravam um dia inteiro, de tal maneira, que foi brotando em mim, a partir das imersões nos “piques-esconde-pega-alerta”, certa rapidez intelectual e um forte sentido de estratégia, que somente anos depois eu reconheceria como um fator de importância para existir em outros espaços fora do seio da comunidade de Senador Camará, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

1 Almirante Negro (João Cândido).

Meu ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro foi no ano de 2016, no curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais, e já no segundo período da graduação fui selecionado como bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade, sob tutoria da professora doutora Giovana Xavier. De início, pude perceber junto ao grupo uma ampliação dos meus horizontes num movimento de fortalecimento da minha busca para superar a ausência de cultura acadêmica. Deste modo, o PET proporcionou-me desde o início o diálogo com meus pares no espaço acadêmico, e por consequência, o compartilhamento dos anseios e desejos que estavam por vir.

Nossas expectativas uniram-se à nossa aprendizagem, e também na busca por novas epistemologias, metodologias de ensino e de qualificação docente. Os amigos que permaneceram no grupo, bem como os que por aqui passaram, ocupam um papel de destaque na minha relação com a universidade pública, pois foi por meio do grupo que pude conhecer intelectuais negros, indígenas, feministas, *queer*, que, de modo transformador, provocaram uma certa destituição da ideia de “não lugar” que eu possuía, fazendo-me projetar rumo ao alcance do protagonismo acadêmico. Indo além das angústias diante da desproporção entre fontes bibliográficas escritas por intelectuais brancos em relação aos intelectuais negros, gays, indígenas e periféricos, nos movimentamos

coletivamente para o caminho de uma existência de superação da dor e angústia, que proponha, a partir de nossas potencialidades, resoluções para as desigualdades.

JOÃO CÂNDIDO E EU: NAVEGANTES RUMO AO MAR DAS ESPERANÇAS

Seguimos inspirados pelos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros de Azoilda Loretto da Trindade, educadora e intelectual negra responsável por sistematizar os saberes e práticas ancestrais em um método de trabalho calcado na educação com afeto. Deste modo, nossas reuniões, encontros e atividades iniciam-se sempre com um “acolhimento” que tem o propósito de integrar nossas potencialidades em torno dos objetivos do grupo. Após o acolhimento da primeira reunião relacionada ao Projeto Personagens do Pós-Abolição, na vertente oficinas pedagógicas, partimos para uma atividade de reconhecimento dos cinco intelectuais negros biografados no projeto. E, a partir disso, projetamos nossas imaginações na construção coletiva das oficinas, debatendo representações, narrativas e a restituição da imagem positiva do negro no contexto da sala de aula.

Minha oficina foi idealizada com a parceria de Gabriela Alves Costa, ex-bolsista do Grupo PET Diversidade UFRJ. A partir disso, refletimos, por meio de atividade

disparadora, proposta pela tutora, sobre a imponente imagem do marinheiro negro João Cândido Felisberto, líder da Revolta da Chibata. Retiramos as camadas e imaginamos as possíveis realidades vinculadas ao sujeito negro João Cândido, chegando mais longe de sua imagem austera e mais perto de sua realidade vivida. Debruçados sob aquela mesma imagem que raramente aparecia nos livros didáticos, de todas as maneiras, e por todos os ângulos, percebemos que estar perto da fotografia de João Cândido era como estar perto do mar, que sempre marcou sua vida. O retrato de João Cândido nos revelava uma vida potente que ia muito além das dificuldades que teve de superar. E foi a partir disso que idealizamos um experimento fotográfico de elaboração de retratos como produção de narrativas imagéticas nas reflexões sobre os temas de representatividade, autoimagem, antirracismo e reeducação das relações étnico-raciais.

O I Curso de Formação O Pós-Abolição como Problema Histórico na Sala de Aula, ministrado pela professora doutora Giovana Xavier, foi o alicerce para as realizações do Grupo PET na educação escolar, pois nessa experiência discutimos o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações raciais no Brasil, bem como a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 no contexto da sala de aula. A iniciativa fez parte das atividades do Projeto Personagens do Pós-Abolição

(contemplado pelo Edital Memórias Brasileiras: Biografias Capes), coordenado pelas professoras doutoras Martha Abreu e Giovana Xavier. O trabalho nesse projeto foi fundamental para a construção do Programa Ciência para o Negro. Um projeto idealizado pelo grupo para potencializar métodos, conceitos e conhecimentos à luz das perspectivas de uma “ciência para o negro”, como definiu o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira².

Esse trabalho tem sido posto em prática por meio de diferentes ações que objetivam produzir novas epistemologias na produção científica, considerando outras possibilidades estratégico-pedagógicas, a fim de ampliar o debate científico a partir de referências que contemplem o pensamento e o saber dos sujeitos periféricos, excluídos dos espaços de produção e legitimação do saber. Em seguida a essa primeira iniciativa, ocorreu o II Curso de Formação – Ensino de História do Pós-Abolição, oferecido pela mestranda Pâmela Carvalho, sob orientação da tutora Giovana Xavier.

Essa etapa foi marcada por uma imersão intensa em bibliografias selecionadas, experimentações criativas, recursos audiovisuais e vivências, com intuito de fomentar subsídios e ideias para o trabalho com as biografias dos personagens no contexto

2 OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

da sala de aula. A partir disso, surgem os planos elaborados das oficinas propondo as atividades desenvolvidas.

O QUE SINTO QUANDO ME VEJO? A AUTOIMAGEM E A REPRESENTATIVIDADE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Oficina Experimento Espelhado: O que Há por Trás do Retrato?" na Escola Municipal
Jornalista e Escritor Daniel Piza, em 17 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Recordo-me bem da sensação de felicidade no reconhecimento de discutir estratégias criativas na educação, a partir da obra de Conceição Evaristo e do seu conceito de “escrevivências”, que oferece caminhos para pensarmos a produção dos sujeitos em uma narrativa na primeira pessoa. A partir dessa reflexão, traçamos

caminhos em direção a uma pesquisa concebida para visibilizar os conhecimentos produzidos pela comunidade negra. Assim, caminhamos no sentido de um ativismo acadêmico, que refuta o falso pressuposto da neutralidade científica, apontando para as assimetrias na produção científica e provocando as relações com outras subjetividades no fazer acadêmico. A partir de então, pude nomear minhas escrituras acadêmicas como pesquisa ativista, comprometida com a objetividade e o rigor científico necessários para combater as estruturas opressoras, sem deixar de considerar os afetos e subjetividades envolvidos nos processos de produção científica.

Deste modo, surge um trabalho intelectual dirigido para as mudanças dentro e fora da academia, sem pensar no trabalho intelectual separado da política do cotidiano. Muitas vezes, o trabalho intelectual leva ao confronto com duras realidades, e pode nos lembrar que a dominação e a opressão continuam a moldar as vidas dos sujeitos, sobretudo das pessoas negras. Entretanto, como intelectual, reflito: como posso atuar para não deixar os meus para trás, mesmo diante de tantos problemas sociais que configuram minha comunidade?

Oficina Experimento Espelhado: O que Há por Trás do Retrato? na Escola Municipal
Jornalista e Escritor Daniel Piza, em 17 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Nomeamos a oficina de Experimento Espelhado: O que Há por Trás do Retrato? Ela se inicia com um jogo das profissões, que dispõe pessoas negras por meio de imagens fotográficas e etiquetas com profissões diversas para serem relacionadas às personalidades das fotos. Esse é um elemento disparador para a curiosidade dos alunos envolvidos em uma estratégia pedagógica de refletir sobre a relação dos sujeitos com suas imagens. Pelas fotografias apresentadas, podemos pensar o que é ser negro no Brasil ? O que isso representa?

Ao elaborarmos as vivências na educação pública foi preciso pensar em estratégias para relacionar os conhecimentos dos intelectuais negros do pós-abolição ao contexto de uma sala de aula de educação básica, onde majoritariamente os alunos são negros. Sabemos que o que propomos não é tarefa fácil. Lidar com as subjetividades dos alunos nas suas relações com a autoimagem merece atenção e cuidado. Após o jogo das profissões, uma breve reflexão sobre como os gestos, postura, e a própria expressividade inerente aos indivíduos, constroem narrativas sobre seus corpos e suas representações. Quanto, talvez, todos nós também não tenhamos sido desestabilizados pelas fotos que trouxeram nossos rostos, gestos e emoções? Propomos trazê-los justamente para os cotidianos dessa discussão. Já na segunda etapa, foi proposto um trabalho em dupla para a produção de um retrato individual de cada aluno. De modo que foi possível para cada um deles experimentar a sensação de fotografar e ser fotografado.

A experiência mediada pela presença da câmera fotográfica em um espaço de falta de recursos didáticos destinados às atividades escolares estimula ainda mais as reações dos alunos que ocorrem de maneiras mais diversas. Em todas, marcas individuais e coletivas emergem da atividade. A diversidade dos alunos aparece nos perfis tímidos, nervosos, alegres, brincalhões, mas também na capacidade de mobilizarem entre si estratégias

de estímulo à construção de uma narrativa imagética sobre si, e também sobre seu território e seu contexto social. Alunos na posição de fotógrafos são capazes de se dirigir uns aos outros, dando conselhos sobre posturas imaginadas numa rede de significados própria. E na condição de fotografados, estabelecem uma relação de confiança ao se permitirem ser enquadrados e capturados.

Por fim, o desenvolvimento final de um mural fotográfico produzido coletivamente pela turma na oficina ambientou o espaço escolar, e incentivou reflexões sobre como nos sentimos diante do processo de produção do retrato? Como nos sentimos quando estamos fotografando? E ainda como nos sentimos sendo fotografados?

RUMOS A NAVEGAR: BIOGRAFIAS DO PÓS-ABOLIÇÃO NA SALA DE AULA

A trajetória invisibilizada de João Cândido atesta o quanto a história do Brasil ocultou outros pontos de vista fora da cultura e do pensamento dominantes. Ao apresentar o marinheiro como um militar, sensibilizamos-nos para o fato de que contextos periféricos como o da Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza possuem uma complexa relação de afeto com as fardas e o poder militar. Pois, se ora elas compõem horizontes de expectativas aos jovens negros e periféricos, outrora estavam

vinculadas aos futuros sem esperança, aos destinos interrompidos. Dialogamos a partir da trajetória de João Cândido, que, por volta dos 15 anos, alistou-se na Marinha do Brasil por questões de sobrevivência. Discutimos a trajetória militar aliada de João Cândido como um homem do mar, e que acreditava que somente por meio dele a revolta seria possível.

A parceria com a Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, sob a coordenação pedagógica da professora mestra Claudielle Pavão, proporcionou-nos um ambiente de produção criativa e de troca de saberes que seriam necessários para atuação e desenvolvimento das ideias. Assim, as biografias foram, por meio de métodos de ensino desenvolvidos no âmbito do Grupo PET, trabalhadas na sala de aula da referida escola. Para essa ação, estabelecemos como fio condutor a apresentação dos biografados do Projeto Personagens do Pós-Abolição, com o intuito de trabalhar conceitos, como reeducação das relações étnico-raciais, antirracismo, história única etc.

As teorias da transição parecem-nos dos mais ricos espaços de debate sobre o entendimento acerca da democracia. Afinal, dependendo da forma como se entende a passagem do capitalismo ao socialismo, definem-se políticas que as consolidem.

Evidentemente, não se trata de explicar por simples exercício teórico, mas com a decorrente axiologia desse método, tal explicação é sempre uma tomada de posição e uma ação política, na medida em que, a partir de determinado entendimento, a ação política e a definição do campo de luta estão dadas.

Durante as oficinas, ao entrar em contato com a biografia dos personagens, a partir de aspectos múltiplos de suas trajetórias, como o fato de a família de João Cândido ter se instalado em São João de Meriti quando ele tinha apenas 7 anos, mobilizou maior interesse nos alunos. Nesse sentido, as narrativas biográficas apresentaram-se como possibilidade de visibilizar esses personagens, a começar de uma conexão com a realidade dos alunos, provocando uma experiência emancipatória e oferecendo subsídios aos processos de ensino e aprendizagem, e construção das identidades. Isso sem desconsiderar que a História e a memória não podem ser desvinculadas dos conflitos. Foi preciso destituir a figura heróica de João Cândido numa brecha do tempo para transpor a humanidade presente na trajetória do personagem.

ESPERANÇAS EM ALTO MAR: O PET DIVERSIDADE E A CONSTRUÇÃO DA MINHA INTELLECTUALIDADE

A realza desse projeto encontra-se na capacidade de inspiração que ele produziu na sua idealização e desdobramentos. Essas oficinas tornaram-se potências para discutir temas essenciais na educação básica. Elas reverberam em mim e em cada um dos bolsistas envolvidos, abrindo portas para o fortalecimento de uma formação docente calcada em uma cultura acadêmica negra e numa atuação profissional que dê conta da garantia de cumprimento da Lei nº 10.639/03 em seu horizonte de possibilidades.

Participar da realização do projeto envolveu trocas de saberes múltiplos, e me conduziu a uma postura crítica, reflexiva e sensível em relação à minha atuação docente, que pode ser capaz de mobilizar os afetos na construção dos saberes escolares, a fim de construir narrativas positivas da cultura negra. Em nosso grupo de pesquisa uma de nossas prioridades tem sido justamente a produção de ciência negra na universidade. Isso representa na minha trajetória acadêmica um espaço de qualificação, de práticas de leitura, escrita, produção de materiais didáticos. Enfim, de uma formação ampla e qualificada para o pleno desenvolvimento profissional.

Essa foi, sem dúvida, a realização na universidade que levarei além-mar. Por meio dela pude refletir a formação das estratégias para uma construção do conhecimento escolar em

contextos periféricos. Mas também resgatar um saber ancestral capaz de realizar sonhos e planos que por mim vão sendo traçados. Sinto-me provocado a me dedicar a uma forma de fazer ciência comprometida com a mudança das estruturas excludentes e que pode ser projetada na educação e nas experiências escolares. Isso incitou-me a promover as narrativas dos sujeitos negros no “chão da escola” por meio do sensível, feito uma bússola que me guia muito distante e me leva para as ondas que quebram no mar dos significados de potência.

Assim como João, de quem o mar era amigo, navego no horizonte de uma vida intelectual, de modo que passei a ocupar determinados espaços acadêmicos por meio de uma pedagogia transgressora, de quem possui a revolta afogada dentro de si, mas também o afeto capaz de romper com a inércia dos pensamentos que antes eram perdidos no mar das incertezas e invisibilidades. A saber, este também é um trabalho que ressignifica as memórias de João Cândido, líder da Chibata, da luta pela igualdade. Recuperamos esta memória estimável abandonada no cais, capaz de lhe devolver a humanidade suprimida pelo apagamento das experiências dos sujeitos negros, para que suas histórias sejam visibilizadas e valorizadas, e passem a fazer sentido diante da realidade de alunos negros e periféricos, que, assim como eu e João Cândido, também possam ter sonhos e navegar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Descrever por meio das imagens e produzir por meio do retrato a imagem do negro como algo positivo, potencializando atitudes afirmativas pela autoexpressão na construção das identidades
CONTEÚDOS / CONCEITOS	Subjetividade Expressividade Protagonismo Identidade Representatividade Reeducação das relações étnico-raciais
PROCEDIMENTOS DIDÁTICO	Primeira etapa: jogo das profissões Apresentação das imagens de personagens negros em diferentes funções sociais e uma pergunta norteadora: que profissão essa pessoa exerce? Relacionar as profissões com as imagens e exercitar o olhar para os gestos e expressões Segunda etapa: organizar as duplas para a produção dos retratos. Experiência de fotografar e ser fotografado Finalização: reflexão sobre emoções e expressões nos retratos
RECURSOS UTILIZADOS	Jogo das profissões Imagens impressas dos personagens 1 cartolina 1 caneta- marcadora Etiquetas Produção dos retratos Câmera fotográfica
TEMPO	Uma hora

Ficha de planejamento da Oficina Experimento Espelhado: O que Há por Trás do Retrato, feita durante a realização do II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição, Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais, em 24 de setembro de 2018.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org). *Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16-21. Disponível em: <http://nos-saescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 01 dez. 2019.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres negras*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

HOOKS, B. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995.

NASCIMENTO, Á. P. Sou escravo de oficiais da Marinha: a grande revolta da marujada negra por direitos no período pós-abolição (Rio de Janeiro, 1880-1910). *Rev. Bras. Hist.*, v. 36, n. 72, p. 151-172, 2016.

OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

TRINDADE, A. L. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, A. P. (coord.). *Saberes e fazeres: modos de ver*, v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.

CAPÍTULO 8

INTELECTUAIS NEGRAS HISTORICAMENTE SUBALTERNIZADAS E SUAS LEGITIMAÇÕES NO MEIO INTELECTUAL ACADÊMICO



Marlon Gama, estudante do curso de licenciatura em Geografia (IGEO/UFRJ), bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

Fonte: Acervo Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ. Fotógrafo: Jéferson Vasconcelos.

CIENTISTA NA PRIMEIRA PESSOA: MARIA DO NASCIMENTO E NOSSAS URGÊNCIAS NO BRASIL ATUAL

Sou Marlon Gama, discente do curso de Geografia da UFRJ, natural de Belém do Pará, 31 anos. Logo que cheguei ao Rio de Janeiro, tomei um choque, por assim dizer, do que era esse lugar. Em meados de 2017, hegemonicamente branco o espaço acadêmico, ele me esmagava em muitos momentos. Desde então, tive o interesse de buscar um lugar que me fizesse estar mais próximo dos “meus”. Foi quando, por meio de uma página de discentes da universidade no Facebook, fiquei sabendo da seleção para bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade.

A princípio, fiquei bem receoso em me candidatar. Ao me ver com idade elevada para uma graduação, vindo defasado de uma escola pública bem enfraquecida no sentido de precariedade de sua estrutura, e consequentemente incapaz de participar de qualquer seleção, naquele tempo já havia escutado falar de Giovana Xavier, “aquela professora universitária negra famosa”. Acredito que foi isso que me fez criar a coragem de querer estar próximo, de desejar aprender sobre saberes que a academia ainda reluta para reconhecer, com alguém que, de certa forma, veio de uma realidade tão parecida, e que, porventura, pudesse entender minhas dificuldades acadêmicas, ainda tão presentes.

Recordo-me da alegria que foi saber ter sido selecionado para entrevista. Um dia antes, saíra da casa que morava em Inhaúma e vinha para o Estácio, bairro em que estou até hoje e pretendo não sair. Apesar de estar bem cansado naquele momento, fui para a seleção. Ao ver aquela mulher, ali, na minha frente, me passou um filme na cabeça. Um fã, mesmo, de alguém por quem eu já tinha grande admiração, e de quem estava prestes a ser aluno. Para além desse entusiasmo inicial, o Grupo PET possibilitou-me, como havia previsto, a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre a produção acadêmica de pessoas negras e de ressignificar o ambiente universitário. Nas proposições de descolonização de saber, propostas a cada nova ementa de início de semestre, vi, com orgulho, a universidade cada vez mais enegrecida, criando uma nova lógica de pessoas negras como sujeitos em vez de objetos da História.

DESCOBERTA E RELAÇÃO COM A PERSONAGEM

Em determinada reunião, nossa tutora nos mostrou fotos de pessoas negras do passado, que, para alguns como eu, eram imagens até então desconhecidas, o que despertou em nós, bolsistas, a curiosidade de saber quem eram e o que fizeram. Em seguida, fomos convidados a escolher uma das fotos. Foi bem proveitoso esse exercício de descoberta. No meu caso, tive a sorte

de selecionar Maria de Lourdes Vale Nascimento. De imediato, imaginei que ela pudesse ser médica, psicóloga. Mal sabia que ela foi muito mais. Assistente social, jornalista, cofundadora do Teatro Experimental do Negro, além de ser uma militante incrível pela causa das mulheres, tendo travado luta constante pela regulamentação do trabalho das domésticas. Minha relação com essa intelectual negra inicia-se pela via da identificação do seu trajeto com o de mulheres que mantêm e cuidam dos lares. Uma mulher negra, incansável, que faz de tudo um pouco para melhorar a condição de vida dos seus.

PROCESSO CRIATIVO: TRANSFORMANDO CONCEITOS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS

Percebi, por meio da inserção de Maria do Nascimento, o quanto o ensino básico necessita de uma repaginada e inclusão não só desses personagens, apresentados na Escola Municipal Daniel Piza pelo interesse gerado entre os alunos, mas de vários outros que a história deste país há tempos age na intenção de invisibilizá-los devido ao racismo estrutural, mesmo que estes sejam extremamente importantes para construção da nossa identidade como povo. Falar sobre e ouvir de Maria do Nascimento me causou, mais uma vez pela prática, a impressão do quanto somos colonizados, e dessa necessidade de fazer com

que reconheçam histórias que envolveram muita luta, traumas,
mas também potência, leveza, amor.

Oficina Muitas Marias na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza,
em 13 de novembro de 2019.



Fonte: Acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ.

PERSONAGENS NA ESCOLA

É muito enriquecedor entrar na escola pública, principalmente na que estivemos, dada a sua singularidade. Apresentar os intelectuais negros do pós-abolição, partindo do pressuposto que eles fazem parte da história há muito escondida ou mal contada, na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, no Complexo da Pedreira, foi muito importante no sentido de produzir práticas educativas de valorização das histórias e trajetórias de estudantes da instituição. Na primeira pessoa de intelectuais negros do passado produzimos novos conhecimentos oriundos de afetos variados: identificação, estranhamento, curiosidade. A exploração desses e outros afetos evidencia que vale a pena valorizar os diálogos escola-universidade para o fortalecimento da educação como prática de liberdade.

O QUE REPRESENTOU PARA MIM PARTICIPAR DESSE PROJETO

Participar do projeto representou a possibilidade de conhecer, retornar e ver de outro ângulo a escola pública, lugar tão presente na minha trajetória estudantil. Além disso, tive como oportunizar e renovar as esperanças no ensino público, em momento tão precarizado e sem perspectivas de melhora. Ser licenciado é, antes de tudo, um ato de amor. E lá na frente,

olharei com orgulho tanto para mim, quanto para meus amigos
e professores que participaram desse projeto.

Ficha de planejamento da Oficina Maria de Lourdes Vale Nascimento: Muitas Marias.

Objetivos gerais: Apresentar Maria de Lourdes Vale Nascimento, apontando sua importância e contribuição na luta por direitos e melhores condições para a população negra, estimulando a turma a produzir conhecimento sobre si mesma	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Conhecer a história de Maria de Lourdes Vale Nascimento Relacionar mulheres negras e trabalho intelectual Associar a trajetória de Maria Nascimento às de mulheres próximas (mães, avós, irmãs, vizinhas, professoras etc.)
CONTEÚDOS / CONCEITOS	Agência Escrivência Ancestralidade Raça e gênero
PROCEDIMENTOS DIDÁTICO	Apresentação: quem é Maria Nascimento? Roda de conversa: sobre a trajetória da Maria Nascimento, instigando a relação entre a personagem e as mães dxs estudantes Produção de colagens: com base na apresentação e na associação da Maria Nascimento com a experiência de cada estudante
RECURSOS UTILIZADOS	Revistas, jornais e panfletos Tesoura sem ponta Cola Lápis e caneta Papel A4
TEMPO	Uma hora

Ficha de planejamento da Oficina Muitas Marias, promovida durante a realização do II Curso de Formação – Historiografia do Pós-Abolição, Ensino de História e Reeducação das Relações Raciais, em 24 de setembro de 2018.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JESUS, C. M. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

OLIVEIRA, E. O. De uma ciência “para” e não tanto “sobre” o negro. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 29., São Paulo: PUC/SP, 1977.

WEST, C. (1985). The dilemma of the black intellectual. In: _____. *The Cornel West reader*. Nova Iorque: Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315.

XAVIER, G. “Fala a mulher” ou a mulher também fala? Maria de Lurdes Vale Nascimento e as articulações entre gênero, raça e classe no jornal O Quilombo (Rio de Janeiro, 1948-1950). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., Curitiba, 2015. *Anais...* Curitiba, 2015. Disponível em: <http://www.escravidao-eliberdade.com.br/congresso/index.php/E-/7/paper/viewFile/211/90>. Acesso em: 01 jul. 2018.

CAPÍTULO 9

TERRITÓRIOS CONFLAGRADOS E ESCOLAS PÚBLICAS: REFLEXÕES E ASPIRAÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA TRANSGRESSORA



Claudielle Pavão, Claudielle Pavão, coordenadora pedagógica da Escola Municipal
Jornalista e Escritor Daniel Piza entre 2017 e 2019-, mestra e doutoranda em história
social na UFRRJ. Fotógrafo: Jéferson Vasconcelos.

Para pensar neste artigo, fechei meus olhos e tentei trazer à minha mente uma imagem que representasse a escola pública em que trabalho. Uma imagem que refletisse o cotidiano da escola e se desdobrasse nas reflexões que pretendo trazer para este texto. Algo que eu pudesse descrever e possibilitasse uma visão da Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza.¹

O que primeiro me veio foi a sensação de sentir o sol da manhã, aquele sol que começa a aquecer o dia, no portão principal da escola. Em seguida, a memória dos diferentes sons que se misturavam conforme os estudantes chegavam para suas aulas, os grupos em conversas acaloradas, as risadas, as resistências ao entrar na escola – à espera da insistência dos funcionários –, os sorrisos, o olhar de quem acabou de acordar e ainda traz “a cama nas costas”, as reclamações por perder cadernos, os pedidos de empréstimos de lápis, as músicas nos celulares. É esse o primeiro cenário que vejo, sinto e ouço ao pensar na escola em que atuo.

Após o entorpecimento provocado por essas lembranças rotineiras, a memória emergiu fatos específicos que marcaram esses anos de atuação. Os mais dolorosos se fazem presentes na cabeça, provocando uma angústia transbordante por meio de frequentes *flashes*. A sensação de observar novas marcas de bala é um

1 A escola está localizada no Complexo da Pedreira, em Costa Barros, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Os bairros vizinhos são Pavuna, Acari, Fazenda Botafogo, Barros Filho e Coelho Neto. A Avenida Brasil perpassa esses bairros, e é uma importante via de acesso a outros bairros e municípios da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

deles. Fato corriqueiro, porém simbólico. Principalmente porque, depois de lembrar dessas marcas, recordei o dia em que Maria Eduarda da Conceição, aluna da escola, foi assassinada pela Polícia Militar. Desse dia, as lembranças são ricas em detalhes, principalmente o sentimento quando ouvi os gritos de sua mãe. Lembrança dolorosa demais, que não me permitirei jamais esquecer.

E então minha mente traz à tona outros casos. A difícil relação de alguns estudantes com suas famílias, o choro de uma aluna do sétimo ano pela vergonha de não saber ler, a mãe de um aluno que se sentiu mais segura em denunciar a violência doméstica na escola, os abusos sexuais, os relatos de precariedade das casas, o difícil acesso a políticas públicas para pessoas portadoras de deficiência, os casos de adolescentes e crianças vítimas de bala perdida, o desaparecimento de jovens negros, a descoberta de cadáveres no rio Acari.

As lágrimas da mãe sozinha que enfrentava dificuldades para criar seus filhos com um salário mínimo, numa rotina de trabalho extenuante. O pedido de entrega de currículos para a firma dos trabalhadores terceirizados, e também o pedido para que os professores ajudassem uma família a pagar a fiação do barraco, porque queriam ter eletricidade em casa. E as reclamações, cada vez mais frequentes, dos cortes do Programa Bolsa Família.

Havia manhãs de sol em que não era possível chegar até o portão para receber os alunos. A ostensiva presença policial e as trocas de tiros não permitiam que os adolescentes saíssem de suas casas. Às vezes, o noticiário na televisão alertava sobre a situação na comunidade, o que costumava ser o prenúncio para fechamento da unidade escolar. Em outros momentos, era no horário da entrada dos estudantes que as incursões policiais aconteciam, provocando correria de alunos para dentro da escola e a atenção máxima dos funcionários.

As marcas de bala nas janelas e nas paredes das salas de aula são cicatrizes que nos advertem sobre o perigo de manter as aulas em situações de risco. A estrutura nova e ousada do prédio, inaugurado em 2012, propunha salas e corredores iluminados e arejados. Entretanto, essa construção se transformava em um problema nos dias de tiroteios. Nessas condições, apesar de estarmos sempre atentos e fortes, temíamos a morte e procurávamos os locais mais seguros do prédio. A sala de aula não era um deles.

A ansiedade e o cansaço implacável nos abatiam após dias mais tensos de trabalho, o que era um alerta para o impacto dessas emoções na saúde mental de todos. Como proteger nossa mente da exposição à violência e à iminência de tragédias? Ninguém sai ileso ao estresse contínuo de desejar chegar e sair vivo

do seu local de trabalho. Tampouco quem reside no território, no caso dos estudantes e seus familiares.

Todas essas lembranças corroboraram para pensar minha trajetória como educadora da rede pública, e os caminhos e desafios da educação em um território conflagrado. Verbalizar, ou melhor, descrever essas situações violentas tem o objetivo de contextualizar sobre quais as urgências dos educadores quando lotados em escolas como a Piza. Há vítimas em meio às condições que a escola e a comunidade sobrevivem, mas, antes de tudo, há atuação e construção de estratégias por esses sujeitos que residem e trabalham na Pedreira, em Costa Barros.

O pouco tempo de docência que trago em minha trajetória – iniciei minha vida profissional na rede pública em 2013 – permite que eu levante mais questões do que apresente respostas. E entendo que esse pouco tempo é o bastante para provocar reflexões acerca do meu papel como historiadora, servidora pública, professora e coordenadora pedagógica. E mais importante, me instigar a pensar os processos históricos e dinâmicas sociais que perscrutam o território em que a escola está inserida.

Quando fui lotada na Piza, em 2015, a secretária escolar me chamou a atenção para os escritos nos muros próximos à escola. Grande parte das pichações se referia a pessoas – em sua

maioria homens – estimadas e assassinadas na comunidade.² Próximos a esses nomes, era comum encontrar a palavra “saúde”. Em dois acessos à comunidade que levam até a escola, havia inscrições que também chamavam a atenção: “welcome to the jungle”,³ em um muro de uma extinta ponte⁴ pertencente ao Metrô Rio, que ligava a avenida Martin Luther King à avenida Prefeito Sá Lessa, e o conhecido verso dos Racionais MCs “viver pouco como um rei ou muito, como um zé”,⁵ em uma ponte onde a avenida Prefeito Sá Lessa encontra a rua Arnaldo Guinle, no bairro Fazenda Botafogo. O olhar sobre a comunidade a partir das escrituras nos muros se mostrou imprescindível para entender parte da realidade do território. E, por conseguinte, dos estudantes e suas famílias.

Digo entender parte da realidade porque as inscrições nos muros compõem uma de muitas narrativas para falar sobre a Pedreira. Para desenvolver meu trabalho de professora, e também de coordenadora pedagógica, antes de querer ensinar e construir reflexões históricas com as alunas e alunos, era preciso aprender com eles. E, portanto, conhecer outras narrativas sobre

2 Em 2017, o nome de Maria Eduarda Alves da Conceição passou também a compor os muros da escola. Ver GOULART, G. Grafiteiras pintam parede da escola onde morreu Maria Eduarda Alves da Conceição. *O Globo*. 17 abr. 2017.

3 “Welcome to the Jungle”, de Guns N’ Roses.

4 Sobre a extinção da ponte que dava acesso à avenida Prefeito Sá Lessa, ver: MENDONÇA, A. V. Implosão de pilares de ponte em Acari altera funcionamento da Linha 2 do metrô e trânsito no Rio. *Portal G1*. 15 set. 2018.

5 “Vida Loka”, dos Racionais MCs.

a comunidade. Assim tive a primeira lição sobre a escola pública: é preciso conhecer a comunidade tanto o que se apresenta de imediato, quanto o que só se explicita quando nos permitimos ser afetados ao longo de nossas rotinas.

Logo, saber que os estudantes vivem em uma comunidade violentada pelas frequentes incursões policiais e domínio de facções não é suficiente. Se fosse, acarretaria na reprodução de estereótipos que se desdobram por vezes em salvacionismo da educação formal e vitimização dos sujeitos ou falência das instituições educacionais e responsabilização dos indivíduos pelas circunstâncias nas quais estão inseridos.

O binarismo não dá conta de responder às questões que se levantam a cada experiência vivida nos corredores, rampas, pátio e salas de aula. Nem poderia. A relação escola-estudantes-comunidade traz elementos mais complexos sobre a realidade social. Compreender a escola apenas por sua localização em área conflagrada é insuficiente. Observá-la somente como escola, sem considerar as dinâmicas de seu território, é debilitante.

Além dessas impressões sobre a instituição, é importante apreciar alguns de seus dados. Em 2018, segundo a plataforma de dados escolares QEDu⁶, a escola possuía 682 estudantes,

6 QEDU. Disponível em: <https://www.qedu.org.br>. Acesso em: 07 dez. 2019.

com 12 estudantes portadores de necessidades especiais, sendo seu funcionamento em dois turnos. Dentre professores, serventes, secretários escolares e merendeiras, são 56 servidores e terceirizados para atendimento ao público.

As informações sobre as taxas de rendimento, presentes nessa mesma plataforma, indicam que em 2018 a escola obteve 7,2% de reprovações, 7,7% de abandono e 85,1% de aprovação. O sétimo ano foi o ciclo com maior número de estudantes reprovados, com 12,3%, e o oitavo ano obteve o maior número de estudantes que abandonaram a escola, com 13,6%. A plataforma chama a atenção para os índices elevados de evasão – superiores a 5% – e, consequentemente, para a necessidade de buscar estratégias eficazes de combate a esse problema.

O quantitativo de estudantes evadidos incide diretamente no elevado número de repetência, uma vez que essa categoria considera tanto os estudantes reprovados por não obterem conceito suficiente para seguir para a série seguinte, quanto aqueles que abandonaram a escola, e no próximo ano letivo precisam refazer a série abandonada. Repetência e evasão escolar somadas resultam em outro problema comum às escolas públicas das periferias: a distorção idade-série – estudantes com idades elevadas cursando ainda as séries do ensino fundamental.

Outro dado precisa ser considerado: a escola não possui avaliação do Ideb, pois em todos os momentos que participou de avaliações externas – a Prova Brasil – não havia o quantitativo mínimo de estudantes para a realização da prova. Dentre os principais motivos para não atingirmos o quórum de estudantes a serem avaliados, estava a incidência de operações policiais nos dias marcados para a prova.

A equipe responsável pela aplicação da Prova Brasil costuma entrar em contato com a escola e apresentar o período em que podemos marcar a avaliação, deixando as datas próximas no fim do prazo para o caso de algum problema ocorrer nos dias escolhidos. Mesmo assim, em vários anos, a aplicação da prova foi impossibilitada pelo entorno de violência, o que chama a atenção para a frequência com que as operações policiais ocorrem em territórios como o Complexo da Pedreira.

A imprensa fluminense tem alertado a população e denunciado a relação direta entre confrontos nas favelas e a dificuldade de se garantir o acesso à educação nesses territórios. “Ações policiais causaram maior parte do fechamento de escolas”, diz o título de uma reportagem do jornal *Extra*,⁷ de 2017. Em 2019, outra reportagem do mesmo jornal destaca que um

7 ALFANO, B.; SOARES, R. Ações policiais causaram maior parte do fechamento de escolas no Rio. *Extra*. 16 set. 2017.

terço das escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro fica em áreas de confrontos.⁸

A ausência de dados acerca do rendimento dos estudantes nessas avaliações, bem como os motivos, impedem a coleta desses dados e inviabilizam a sincronização do trabalho de toda a comunidade escolar ao realizado pelas demais instituições educativas municipais. Como a evasão e a infrequência não são pontuais, e se devem a fatores que fogem à responsabilidade da gestão escolar, a elaboração de soluções para o problema fica inviabilizada.

Nos casos de infrequência, nossa escola costuma enviar recados para as famílias, ligar e convidar para reuniões particulares, a fim de chamar a atenção para a possibilidade de perder a vaga devido ao elevado número de faltas. No entanto, os números mostram que essa ação é ineficaz, e a vivência no chão da escola alerta para a necessidade de outros aparelhos auxiliarem na redução dessa demanda. De mãos dadas com a assistência social e com os trabalhadores da saúde, é possível traçar estratégias mais eficazes. Todavia, nos faltam pernas e investimentos para tanto. Diante disso, a formação de redes de apoio com esses profissionais costuma trazer resultados pontuais quando nos vemos defronte

8 TORRES, A. C.; WERNECK, A. Levantamento mostra que um terço das escolas municipais do Rio fica em áreas de confrontos. *Extra*. 26 set. 2019.

a tentativas frustrantes de contato com familiares de estudantes que deixaram de frequentar a escola.

Nas reuniões particulares em que nos encontramos com responsáveis por estudantes evadidos, ou infrequentes, é comum receber deles os seguintes motivos para a regularidade da falta às aulas: operações policiais, falecimento de parente próximo, perda de interesse pelos estudos, trabalho, mudança de endereço repentina e envolvimento do estudante em atividades ilícitas.

As operações policiais costumam ser o principal motivo para as faltas elevadas, mas não para a evasão em si, com abandono da matrícula. Determinadas áreas dentro de territórios conflagrados costumam ser mais vulneráveis, com ostensiva presença policial ou de atores armados. Os estudantes que residem em locais onde o “Caveirão” costuma estacionar ou a polícia invade casas, é comum que os responsáveis pelos estudantes não permitam que saiam, pois temem que tiroteios ocorram no trajeto para a escola ou no retorno das aulas.

Há também o medo que as casas sejam invadidas, e seus filhos – na maioria jovens negros – sejam abordados de maneira violenta ou levados. Isso implica em outro fator: os pais costumam pedir que seus filhos tenham o documento Declaração de Escolaridade para explicar aos militares que estão regularmente matriculados em uma escola. Infelizmente, não há dados que cruzem os

períodos de maior presença policial aos pedidos de Declaração de Escolaridade, mas provavelmente se fosse possível articular esses dois fatores, teríamos números interessantes para análise.

A perda de interesse pelos estudos costuma acometer a maioria dos adolescentes com distorção idade-série ou que costumam ter notas baixas em avaliações. Os estudantes deixam de ir, e suas famílias, por falta de tempo para acompanhar esses alunos faltosos, ou por não considerarem a escola uma prioridade, acabam não tendo grande influência sobre a frequência escolar. Alguns estudantes, movidos principalmente pela necessidade, vão trabalhar para auxiliar nas rendas familiares.

A mudança de endereço repentina pode ter associação com as organizações criminosas. A necessidade de se mudar sem pedir documentação para transferência é um indício de que a família estava sob ameaças e, por isso, precisou sair da comunidade. Há quem se mude para dentro do município ou para alguma cidade no estado. No entanto, a escola tem registros de alunos que precisaram sair para residir em outros estados. O Nordeste costuma ser o destino, uma vez que há familiares para receber os adolescentes e garantir casa e alimentação.

O falecimento de parentes próximos costuma ter grande impacto na vida das pessoas, contudo, situações de famílias que precisam de cuidadores para crianças mais novas usualmente têm

maior impacto no cotidiano de adolescentes. Se há necessidade de amparar um parente doente ou lidar com documentações para enterro – e em casos mais graves, quando quem morre era a pessoa responsável por sustentar a família financeiramente –, são os adolescentes que ficam responsáveis por cuidar das crianças menores, levá-las para a creche ou escola, fazer comida e outros cuidados.

O envolvimento com o tráfico de drogas e o roubo de cargas normalmente é o que mais alarma a sociedade. No entanto, tivemos poucos casos quanto a esse motivo para evasão, se comparado com a situação de vulnerabilidade do território e os outros motivos. Arrisco a afirmar que as dificuldades de aprendizado sejam o maior motivo para que crianças e adolescentes deixem a escola, seguido da necessidade de se mudar. Assim como a gestação, aliada aos elevados índices de evasão. O envolvimento com o tráfico de drogas não tem relação direta com o abandono.

A gestação possui suas especificidades: a aluna falta com atestado médico, e depois que tem o bebê, pode gozar de licença-maternidade; ainda assim, mesmo enfrentando as dificuldades da maternidade solitária, as parturientes podem contar com a solidariedade dos familiares para cuidar do bebê e conciliá-lo com a vida escolar.

Reconheço a necessidade de uma pesquisa mais criteriosa para amparar essas reflexões e “diagnósticos”, até para garantir

uma argumentação mais sólida, mas enquanto não há um trabalho sobre essas questões que atravessam a escola em que trabalho, a vivência é o meio que tenho, ao longo destes últimos parágrafos, para apresentar minhas perspectivas sobre a evasão e solicitar que pesquisadores se debrucem sobre as escolas em áreas de risco.

Diante desse panorama, as reflexões que estão postas são: tendo em vista o entorno externo de violência e a precariedade de acesso aos serviços públicos mais básicos, que garantiriam a dignidade da vida das pessoas que vivem naquela região, qual papel vem sendo desempenhado pela instituição escolar? Ela tem auxiliado os estudantes na compreensão e transformação de sua realidade ou tem perpetuado os variados tipos de violências?

As escolas públicas que partilham desses dados e condições possuem um perfil comum: o público é majoritariamente negro. E os territórios em que as escolas estão localizadas são áreas pobres, que sofrem com a criminalização. Esses dados não podem estar alijados das concepções e práticas pedagógicas presentes nessas escolas, se o objetivo é a transformação social. Isto é, o fator raça é prisma fundamental para entendermos e superarmos as limitações vivenciadas cotidianamente na escola.

Como explicar, por exemplo, que 90% das turmas de aceleração são frequentadas por jovens negros? Entendendo que as turmas de projetos de aceleração são compostas por estudantes

com maior distorção série-idade. Ou por que as famílias que necessitam de políticas públicas de distribuição de renda são majoritariamente famílias negras? Ainda, como podemos justificar que numa escola com perfil de estudantes negros ou pardos, a maioria dos alunos com sucesso escolar é branca?

Diante de tais questões, compreendemos que as instituições, inclusive as escolas, são reprodutoras do racismo – visto que estão sob controle de um grupo racial dominante – e entendemos que estamos sob políticas que articulam a permanência de ideais que mantenham o *status quo* de um determinado grupo.⁹ E para isso é feito uso tanto da educação, quanto da força. O que o camaronês Achille Mbembe conceitua como necropolítica é a política sob a qual estamos imersos. As condições em que estudantes e suas famílias vivem, marcadas pela constância da violência armada e pela precariedade dos aparelhos governamentais que atuam nesses territórios, demonstram o que Mbembe pensa sobre a necropolítica, pois “na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado”.¹⁰

Desta maneira, chegar à escola e desenvolver o que está previsto para a função – seja de professora de História ou

9 ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

10 MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

coordenadora pedagógica –, sem articular o método para esse trabalho com os saberes produzidos na comunidade, produz resultados insatisfatórios e frustrantes. O desenvolvimento de projetos, atividades pedagógicas e planos de aula perpassa pelo conhecimento dos códigos e símbolos pertencentes aos alunos, de modo que, por meio desses códigos e símbolos, possamos construir pontes de saberes que conduzam ao pensamento crítico da própria realidade. Tanto a realidade sob a ótica dos estudantes, quanto sob a ótica dos professores.

O exercício de imersão nos saberes locais é urgente quando nos dispomos a fazer da escola pública um meio para construir em conjunto com a comunidade uma educação transgressora,¹¹ pautada nas lutas antirracistas e por justiça social. Se não nos permitirmos ser afetadas e afetados pelas experiências da comunidade escolar, como caminhar ao encontro dessa transgressão? De que ferramentas faremos uso para transformar socialmente conteúdos e práticas escolares que insistem em reproduzir papéis sociais limitantes, estereótipos discriminatórios e a manutenção do *status quo*?

A partir das experiências marcadas pela violência, mas não reduzidas a ela, como pensar um ensino público que dê conta

11 HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

de problematizar as vivências e construir estratégias para transpor essa realidade, no sentido de projetar soluções que reduzam drasticamente os problemas sociais da comunidade?

As questões acima são bastante ambiciosas. No entanto, quando o ensino parte da premissa da importância da representatividade e do acesso a diferentes narrativas, o empoderamento¹² e a força criativa necessários para o engajamento de adolescentes na defesa e manutenção de direitos conquistados e na luta por novos direitos se torna um projeto político em execução.

Posto isso, cabe à escola e aos educadores a escolha em aderir às práticas pedagógicas que condicionem mudanças sociais, ou que perpetuem a desigualdade e inviabilizem a construção de saberes promotores de justiça social. Isso não quer dizer que a escola é a única instituição responsável pelas mudanças sociais, mas que há a nossa parte a ser feita, e é possível construir novas possibilidades por meio da educação transgressora.

Na prática, do que se trata a educação pública transgressora? O termo transgredir é utilizado a partir das reflexões de bell hooks. Em um de seus livros, a intelectual pensa a educação como meio de proporcionar aos estudantes uma formação crítica que considere em suas análises as questões de raça, gênero e

12 BERTH, J. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

classe para pensar sobre diferentes assuntos. Para a autora, a prática da liberdade na educação tem relação direta com a valorização da expressão do aluno,¹³ com seu engajamento.

Diante disso, podemos construir pontes com a educação antirracista proposta inicialmente. Como elaborar aulas que tenham como objetivo estimular posicionamentos antirracistas? Penso que a apresentação de diferentes narrativas acerca da história das pessoas negras no Brasil seja um caminho necessário a ser feito. Além disso, é preciso ouvir as histórias que os estudantes de escola pública – majoritariamente negros – têm a contar sobre a experiência de se reconhecer como pessoa negra, pobre, moradora de favela. Quais histórias deles contribuem para pensar, por exemplo, o pós-abolição? Quais experiências individuais, ou de seus antepassados, se entrelaçam à história do Brasil e provocam reflexões acerca da atuação de seus familiares como sujeitos históricos?

Esse tipo de abordagem não costuma trazer resultados imediatos. Há de se ter paciência para observar o florescer no amadurecimento do conhecimento e da análise crítica. Tanto para o estudante, quanto para o professor. Essa construção é dialógica.

13 HOOKS, 2013, p. 34.

Desde 2015, há um projeto coordenado pela equipe de Educação Física, com os professores Marcelo Lima e Vitor Ventura, que visa trabalhar conceitos de cidadania a partir da formação de equipes de vôlei, basquete e handebol. Os estudantes treinam para disputar diferentes campeonatos dentro do estado do Rio de Janeiro, e por esses treinos, eles são provocados a construir projetos de vida e desenvolver valores desportivos. Por meio desse projeto, alguns conquistaram vagas em escolas particulares como bolsistas, na condição de estudantes-atletas. Outros foram convidados a compor equipes de clubes. Todos os anos, esses alunos que saíram da escola e tiveram tais oportunidades, retornam numa reunião para conversar com os novos integrantes do projeto sobre suas experiências. Falam sobre as dificuldades de estar numa escola na qual possuem privilégios de raça e classe, e residem em endereços não criminalizados.

Esse compartilhamento de experiências convoca os mais novos a pensarem sobre suas atuais condições, assim como desejar uma realidade diferente. O que dá o tom da transgressão é a interferência dos educadores em chamar a atenção para a necessidade de transformar a realidade do local e entender que essas oportunidades só foram conquistadas por conta do trabalho do coletivo.

Há em curso na escola outro projeto, coordenado pela professora de Ciências Ana Paula Cavadas, e sob a orientação de docentes do Departamento de Ciências da Computação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse, o foco é a construção de jogos virtuais, por meio da programação. Interessados em fazer parte, aprendem sobre programação de computadores e construção de narrativas com bolsistas da UFRJ e também de uma escola do estado vinculada ao projeto. Essas aulas ocorrem tanto na universidade, quanto nas escolas, o que incentiva a circulação dos estudantes por diferentes territórios. Parte do projeto tem como objetivo promover o interesse de meninas adolescentes pelas ciências, em aulas que articulam o empoderamento feminino e a programação de games.

Diferentemente do que muitos educadores esperam de projetos como os citados, a participação não é por meio de meritocracia. Os estudantes que fazem parte dos projetos participam porque passam a se interessar pelas atividades desenvolvidas. Não há critérios sobre nota ou disciplina, ou seja, não há qualquer tipo de seleção. E isso diz respeito a um dos principais objetivos dos projetos: garantir que alunos que não se sintam contemplados pelas atividades comuns da escola possam ter um motivo para não perder a educação formal. Esse é o reconhecimento das múltiplas inteligências presentes na escola, e que muitas vezes os

planejamentos engessados e arcaicos acabam por afastar alunas e alunos que precisam de outro tipo de linguagem para demonstrar suas habilidades e competências.

Na área de humanidades, os professores Eduardo Duque, de Música, e Flavio Braga, de História, desenvolveram um projeto em 2018 em que estudantes pesquisavam letras de músicas e as articulavam com as memórias sobre o Complexo da Pedreira. No exercício de busca pela identidade e análise crítica sobre as questões mais latentes da comunidade, alunas e alunos do oitavo ano do ensino fundamental apresentaram um seminário para explicar como a arte era uma linguagem importante para compreender e refletir sobre o território em que se vive.

Um ano antes, em 2017, realizei o projeto Qual É a Sua Semente, em parceria com o Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a coordenação da docente Giovana Xavier. O estudo contou com a doação de cerca de 40 exemplares do livro *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas, pela Editora Galera Record. Os estudantes tinham encontros semanais comigo e com as bolsistas para discutir os principais temas abordados nos capítulos a serem lidos. Dentre os temas, discutimos racismo estrutural, *bullying*, amizade, relações de gênero, relações com os pais, operações policiais e morte.

A recepção de bolsistas universitários é uma parceria de grande importância para as escolas. Primeiro, porque corrobora a formação de futuros profissionais que ocuparão as escolas públicas. Segundo, porque a presença de jovens universitários negros, alguns deles residentes em favelas, amplia para os nossos estudantes da educação básica seu leque de possibilidades quanto ao futuro. O convívio com esses jovens incide na máxima que a representatividade importa. Tanto importa que as atividades sobre personagens do pós-abolição, pensadas e executadas por esses bolsistas no mês de novembro, nos anos de 2018 e 2019, potencializam a relação dos estudantes com a escola, e da escola com a universidade. A produção de saberes e atividades pedagógicas antirracistas convidam esses alunos a pensar sua própria identidade racial, a partir de perspectivas de empoderamento.

O envolvimento da equipe pedagógica, sempre sensível às particularidades dos estudantes e da comunidade, e aberta às trocas de afeto, produz resultados importantes e significativos para aqueles e aquelas que conseguem transpor todas as barreiras impostas pela vulnerabilidade social e seguiram nos projetos. Além disso, o contato com a universidade provoca novas reflexões sobre as próprias vivências em sala de aula.

No entanto, todas essas experiências com projetos não costumam transparecer nos principais veículos e plataformas sobre

dados escolares. A descoberta de suas próprias potencialidades e a necessidade de pensar sobre suas experiências e a realidade que os cerca não produzem dados significativos para políticas públicas e investimentos educacionais. Não em poucos anos, e sob tantos ataques estruturais.

A educação transgressora e antirracista preocupa-se com a chegada, mas entende a importância do caminho. O desenvolvimento e as conquistas de cada estudante ocorrem ao longo de todo um processo porque não nos vemos como seres a cumprir um ideal de finalização, mas como sujeitos em constante construção e reconstrução. Há impactos dessa escolha pedagógica que não são visíveis a olhos adestrados apenas para observar o avançar de porcentagens. E é por nos atentarmos também às vitórias alcançadas ao longo do extenso e desafiador trajeto que nos mantemos firmes em ter como objetivo a formação de indivíduos críticos e livres.

A garantia de justiça social e de uma sociedade antirracista não é responsabilidade exclusiva da escola, mas a escola é um pilar de grande importância. Projetos de nação passam pela construção de currículos afinados com os ideais do poder governamental.¹⁴ Sendo assim, mesmo que pareça ambicioso demais,

14 Para saber mais: BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2009; e SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

essas ações só fazem sentido quando pensamos em longo prazo. Algumas etapas já foram realizadas por muitas famílias, que, nesta geração, mesmo diante de tantas dificuldades, têm garantido que seus filhos acessem a escola. De tempos em tempos, há políticas que reduzem os obstáculos, mas, na maioria das vezes, todos os empecilhos continuam. Por isso, é tão importante nos concentrarmos também nas estratégias que os ancestrais desses estudantes, ao longo de toda a sua história na América, vêm traçando para conquistar e subverter os espaços demarcados pela colonização e pela escravidão.

Quando conhecemos a transposição de determinadas barreiras – processo ancorado nas redes de apoio –, conseguimos visualizar com maior precisão os percalços e as vitórias ao longo da estrada. Há etapas que já foram superadas por gerações anteriores às nossas. Quais os próximos passos para seguir transformando essa realidade?

Creio que alguns indícios foram apontados neste breve texto: a elaboração de práticas pedagógicas antirracistas, aliada ao desenvolvimento de percepções críticas sobre o contexto onde os estudantes estão inseridos. As instituições públicas e as privadas são formadas por pessoas que observam, pensam, analisam, se frustram e criam meios para mudar as ordens estabelecidas.

A reprodução de métodos que garantem os mesmos produtos é uma escolha, assim como romper com essa reprodução e ousar transgredir. Quando nos posicionamos, praticamos a liberdade.

REFERÊNCIAS

ALFANO, B.; SOARES, R. Ações policiais causaram maior parte do fechamento de escolas no Rio. *Extra*. 16 set. 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/guerra-do-rio/acoes-policiais-causaram-maior-parte-do-fechamento-de-escolas-no-rio-21831288.html>. Acesso em: 17 jan. 2020.

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERTH, Joyce. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2009.

GOULART, G. Grafiteiras pintam parede da escola onde morreu Maria Eduarda Alves da Conceição. *O Globo*. 17 abr. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/grafiteiras-pintam-parede-da-escola-onde-morreu-maria-eduarda-21218302>. Acesso em: 15 jan. 2020.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MENDONÇA, A. V. Implosão de pilares de ponte em Acari altera funcionamento da Linha 2 do metrô e trânsito no Rio. *Portal G1*. 15 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/15/implosao-de-pilares-de-ponte-em-acari-altera-funcionamento-da-linha-2-do-metro-no-rio.ghtml>. Acesso em: 16 jan. 2020.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TORRES, A. C.; WERNECK, A. Levantamento mostra que um terço das escolas municipais do Rio fica em áreas de confrontos. *Extra*. 26 set. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policial/levantamento-mostra-que-um-terco-das-escolas-municipais-do-rio-fica-em-areas-de-confrontos-23975258.html>. Acesso em: 17 jan. 2020.

QEDU. Disponível em: <https://www.qedu.org.br>. Acesso em: 07 dez. 2019.

Formato: 14 x 21cm
Tipologia: Adobe Caslon Pro 10,5/21
Número de páginas: 178

